

Suplemento Literário de "A Manhã"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Suplemento Literário de "A Manhã"
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Loão (Da Academia Brasileira de Letras)

ԵՃԼ. ԵԼ
ԴՆՄ. 3

Notícia sobre João Francisco Lisboa

João Francisco Lisboa nasceu em São Paulo, a 4 de Setembro de 1768, filho do pintor do Iluminismo, João Francisco de Almeida, e de João Francisco de Almeida Lisboa, e de Maria do Carmo Lisboa, filha de João Francisco de Almeida Lisboa, e de Maria do Carmo Lisboa, filha de João Francisco de Almeida Lisboa, e de Maria do Carmo Lisboa, filha de João Francisco de Almeida Lisboa.

... e, em seguida, foi levado para a casa de sua mãe, onde se encontrou com a mãe e o pai. Depois, foi levado para a casa de sua mãe, onde se encontrou com a mãe e o pai. Depois, foi levado para a casa de sua mãe, onde se encontrou com a mãe e o pai.

Em 14 de agosto de 1973, com a finalidade de obter as primeiras informações sobre o primeiro dia de vida de Suzanna, a cirurgiã pediátrica Paul Maranhense — filha que tinha no ventre de sua mãe, Rogatiana, quando ela estava gravida no sul do Arquipélago, de Bragança, no Pará — João Francisco Tavares, filho de um primeiro dia

O **Barão** **Peixe**, **Paulo** **Um**
e **o** **Barão** **Alcides** **Martins** e **Barão**
e **André** e **vibrante** **diretor**
do **Foral** **Maranhense**. **Essa** **re-**
visão **da** **história** **determinou** **Liberal**
Intelectual e **o** **Barão** **Heitor**
de **Assis** **chamou** **a** **direção** **a** **colle-**
ção **intitula** **do** **o** **barão** **famoso**
e **destino**. **A** **frase** **do** **Foral** **es-**
teve **somente** **dois** **anos**. **Em** **junho**
de **1931** **o** **diário**, **e** **funda-**
ção **do** **Foral**. **A** **test** **desse**
o **foral** **foi** **até** **novembro** **de**
1934

Interrompe, nesse momento, a carreira jornalística, para tomar um cargo público, o de secretário de Antônio Pedro da Costa Pereira, barão de Pindamonhangaba. Foi eleito, em duas legislaturas, para a Câmara da Província, como representante do Partido Liberal. Na Câmara, sua preocupação assídua em-
bora em debater os assuntos da Intendência pública.

Teia Lisboa, secretário do partido quando ocorreu o assassinato do chefe do Partido Liberal, Raimundo Teixeira Mendes, o presidente da Província, foi imediatamente disposto a tomar as medidas que eram necessárias para punir o criminoso. O 1.º boia pediu demissão do seu cargo e regressou ao jornalismo. Em junho de 1838 está de volta na ilha, dirigindo a *Cronica Maranhense*. Há diversas notícias sobre a Academia de Letras desta folha. A Academia Maranhense de Letras fixou para a data de 1 de janeiro de 1838, em 1918, fez uma sessão pública de S. Luiz, inauguração da estatua de Liberdade. Artur Mota recebeu esta honraria. Leal, porém, recebeu a sua de 2 de Janeiro de 1920. Foi seguido por Padre

Não hesita a romper no Marquês o movimento chamado "Desobediência", dirigido que era por uma bruxa de má fama conhecida, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira Bafalo. Lisboa foi dada como um dos elementos ligados a este movimento. Era uma evidente e terrível injustiça, e a verdade é que poucos escritores, poucos jornalistas tiveram a honra e a segurança que teve Lisboa, ao comentar os factos delituosos que se verificavam, ao apontar a excepção pública os criminosos que interferiam na província do Maranhão.

Em 1890 apresenta-se Lisboa candidato a uma cadeira de deputado à Câmara Provincial. Logo depois da candidatura, o senão com os amigos que o surpreende em torno dela. O velho retira-se para a vida particular, dedicando-se aos seus trabalhos literários e aos seus trabalhos jurídicos. Tornava-se jurista um respeitável e estimado colaborador do *Forum*. Em 22 regressa à Imprensa, fundando o *Publisher* *Mariano*. Mantém ali uma seção de notícias e um domínio de Zumbido e, ao mesmo tempo publica, no *Teo do Norte*, os *Relatos*. Dedica-se ao folhetim e faz comentários delicados sobre figuras e acontecimentos locais, como aquele que descreve as festas reli-

Em 17 recusa uma indicação que lhe é oferecida para deputado geral. No ano seguinte, porém, aceita a indicação para deputado provincial e pronuncia na Câmara um discurso que se tornou um dos trabalhos mais famosos do seu gênero, na literatura brasileira — o discurso sobre Anália.

Sobreviveu novo período de relativo, e esse estudo que Lisboa — que tem estado profundamente no fanatismo da escravidão e — conhecidamente um abolicionista convicto — delibera acrescentar um romance de combate à negrecada instituição. Tinha já o romance delineado, quando chegou a *Cabana do Pai Tomaz*, de H. Martine Beecher Stowe. Achou que nesse romance americano existia já tudo o que a sua pena pudessem contar ou descrever, e imediatamente desistiu de levar adiante o seu propósito. Perdeu com isso a literatura brasileira, aliás da maior importância, pois um romance da península de João Francisco Lisboa haveria de ser alguma coisa de monumental.

Estados em 1852, e é então que Lisboa atinge o cimo da sua carreira de homem de letras, e vê brilhar no zenit o seu génio. Referimo-nos ao aparecimento do *Jornal de Timon*, cujo primeiro número surgiu com cem páginas, em 25 de Junho daquele ano. Era uma publicação mensal. No 52, Lisboa pôs na rua cinco números dessa publicação. Em 31, pôs dez. Formou, assim, o primeiro volume da importante obra.

Esse primeiro volume do *Jornal de Timon* é toda dedicado ao assunto das eleições, ou mais geralmente falando, à evolução

política, do Brasil e do mundo. Lisboa anula, com a sua minuciosa ciência de historiador, com o seu estilo fúlgido e lúcido, as elações e os processos políticos, desde a antiguidade grega até aos nossos dias.

O segundo e o terceiro volume do *Journal de Timon* encerram uma série de estudos históricos sobre o Brasil. Nele trata-se de tudo: do descobrimento da América e do desenvolvimento do nosso país; dos erros de Portugal, cometidos quando da colonização do Brasil; da invasão dos franceses e da invasão dos holandeses; dos conflitos de personalidade entre os índios e as famílias, das figuras das grandes patentes dos primeiros momentos de vida em nossa terra — um Anacleta, um Nobrega, e, mais recentemente, um Vieira; da crônica das primeiras expedições para o Maranhão; das nossas farsas; do nosso povo; da nossa terra...

Zerzura João Francisco Lúcia alguns trabalhos biográficos e entre estes se conta a narração da vida de Celso Mendes e o volume *Vida do Padre Antonio Vieira*. Este ultimo livro não chegou a ser concluido. Foi encontrado, entre os papéis do arcebispo do escritor por ocasião de sua morte, e transcreveu sua recondição expressa: Deve ser continuado sem ser li-

O livro que estava sendo destinado a desaparecer em setembro, e hoje considerado uma das obras do pensamento brasileiro, um dos modelos acabados de nossa arte escrita. E Pedro Lessa o coloca como a obra-prima de Nabuco, acima do próprio *Jornal de Timon*.

Liaboa para o Rio de Janeiro. Aqui, porém, pouco se demorou, sendo nomeado para uma comissão em Portugal — a de investigar nos arquivos lusos e estrangeiros elucidativos de nossa história. Ficou em Lisboa até 59, quando fez uma viagem de recreio ao Brasil. Voltou ao cargo no mesmo ano, e foi continuar os seus trabalhos. Em Portugal fixara um círculo de poucos amigos, mas amigos do melhor valor, com Alexandre Herculano, Lopes de Mendonça e outros.

O nosso grande historiador e jornalista faleceu na capital portuguesa, em 26 de abril de 1893. Seus restos mortais foram mais tarde transferidos para o Lítz, ficando guardados na capela-mor do convento de N. S. do Carmo.

João Francisco L'Abbe é patrono da cadeira n.º 18 da Academia Brasileira de Letras, cadeira que foi criada por José Vasilgino. Por morte do ilustre crítico, entrou-se nela, em 1916 o Barão Homem de Melo. Em 1913, por morte do Barão, substituiu-o "facilmente" Alberto Farina; e, em 1925, por morte de Farina, cabeu a Luiz Carlos de Figueiredo Calmon. Em 1932, o poeta de Colinas deixou a cadeira para Ruyter da Silva, que era, até lá, pouco o ocupante.



JOAO FRANCISCO LISBOA

SUMÁRIO

PAGINA 37:
— Noticia sobre João Francisco Lisboa.

PAGINAS 38 e 39:

- Um sermão do Padre Antonio Vieira, de João Francisco Lisboa.
- A primeira estada do Padre Antonio Vieira no Brasil, de João Francisco Lisboa.

PAGINA 40:
— O Padre Antônio Vieira e a escravidão dos índios, de João Francisco Lisboa.
— Sobre o Maranhão, de João Francisco Lisboa.

PAGINA 41:

- João Francisco Lisboa (1812-1893), de A. G. Chicorro da Gama.
- Fontes sobre João Francisco Lisboa.
- Um jornalista, de Joaquim Serra.
- Perfil de João Francisco Lisboa (trecho de estudo) de Luiz Carlos.

PÁGINA 42:
— João Francisco Lisboa
de Silvio Romero e João
Ribeiro.
— João Francisco Lisboa
(do Estado de S. Paulo
11-III-1918), de Oliveira
Lima.

PAGINA 43:
— João Lisboa em São Paulo, de José Veríssimo.
— Bibliografia de João Francisco Lisboa, de Artur Mota.

PÁGINA 44:
— João Francisco Lisboa
na opinião de Ronald de
Carvalho.
— Rainer Maria Rilke. —
Poema de Rainer Maria
Rilke (nota e tradução
de Petronio de Castro
Souza).
— Capítulo I do romance
"Dumas", de Bruno Aci-
cioly.

PAGINA 45:
— Duas mortes na Academia.
— Traços biográficos de Fernando Magalhães.
— O "adeus" da Academia Brasileira de Letras a Fernando Magalhães, de Pedro Calmon.

— Traços biográficos 10
Pereira da Silva.

PÁGINA 46:

- O "adeus" da Academia Brasileira a Pereira da Silva, de Mucio Leão.
- Nota a este número de Autores e Livros.
- Um turbulento jornal da geração de Aluizio Azevedo, de Josué Montelo.

PÁGINA 47:

- Edição de Silvio Romero de M. L.
- Silvio Romero e João Ribeiro, de Joaquim Ribeiro.

PÁGINAS 48 e 49:

- Página dos Autores Novos. — VII — Haydée Nicolussi.
- Nota sobre Haydée Nicolussi.
- Eféguas do tempo dourado.
- Telegrama sem destinatário (autógrafo).
- Poema para Mark Rampion.
- Calmaria.
- Último desejo.
- Ideal.
- Discurso ao hóspede.
- Desenho de Haydée Nicolussi por Arpad Szenes.

PAGINAS 50 e 51:

- A poesia de Oliveira e Silva.
- Nota biográfica sobre Oliveira e Silva.
- Sagitário — Bibliografia de Oliveira e Silva.
- Rua da Aurora — Fontes sobre Oliveira e Silva.
- Acalanto.
- Brinquedos.
- Magia.
- Os sinos de Ouro Preto.
- Raça.
- Pernambuco.
- Paz (fac-símile de autógrafo).

PAGINA 52:

- As Estrelas estão cantando, conto de Nêlla Reis.
- Vicente Licínio Cardoso (carta a Mucio Leão) de Gabriel Tondella.
- Separação ou decadência do poeta, de Dante Milano.

João Francisco Lisboa

(Do Estado de S. Paulo, II-III-1918)

João Francisco Lisboa (1812-1836). É este o escritor brasileiro que melhor se junta a um estudo da personalidade sob o ponto de vista evolutivo. Sua obra é-lhe um comentário da vida, ou melhor, a vida é um comentário de sua obra.

Seu espírito, posto ao abrigo da solicitação de correntes diversas do pensamento moderno nas academias e universidades, ou ainda no val-vem constante, na flutuação perpétua das intuições intelectuais dos grandes centros, obedeceu a simples lógica interior, ao desdobrar normal e singelo das próprias forças que lhe eram inerentes, despertadas apenas pelo meio.

O estudo das primeiras letras e das humanidades que lhe foi ministrado, na mocidade e na mais verde mocidade, foi por ele mesmo aumentado, diferenciado, ao impulso de pendores subjetivos.

Esse espírito, de tendências clássicas impregnado de aspirações liberalistas, de intuições sociais, de irresistível simpatia pelo progresso e pelo amor dos humanos e grandiosos dos povos, era arrebatado para o estudo aturado da política, da história, do direito, da moral, da filosofia, da economia nacional, das literaturas francesa, italiana, espanhola e inglesa, porém mais intensamente à dos velhos mestres gregos, latinos e portugueses.

Foi aí, foi nessa cultura, selecionada por ele próprio, que poucos o poderiam igualar no seu tempo.

O quadro, longe de ser apertado e restrito, como tem parecido a críticos cheios de acres azedumes, é enorme, é imenso para quem sabe avaliar quanto valem aquelas disciplinas.

Bastava o forte estudo que evidentemente revela do direito, da história e da literatura no mundo clássico e em Portugal e Brasil para lhe conferir a laurea de homem sábio e ilustrado.

Mas vejamos o operário na faixa de seu produzir.

João Francisco Lisboa não foi indivíduo que entrasse, por bom ou mau grado seu, nas lides da política, do pensamento, da vida nacional, em suma, através de um despacho, dum nomeação para um cargo qualquer.

Não; ele entrou na luta como voluntário das peles de sua terra em prol da liberdade e dos direitos do povo.

O torvelinho da política agitadíssima do período regencial o atraía com irresistível violência, fazendo dele um publicista, um escritor político. Fundou então aos vinte anos 1832 o *Brasileiro*, filiado nas doutrinas liberais. No mesmo ano, em novembro, passou-se para o *Parol Maranhense*, cujo chefe, o deusdado José Candido de Moraes e Silva, tinha falecido. Em 1834 encetou a publicação do *Eco do Norte*; em 1835 passou a redigir a *Crônica Maranhense*, até ao fim do ano de 1840, em que se retirou por algum tempo da política ativa, ralado de desgostos pelas tremendas lutas travadas nos oito anos de trezeoradada agitação partidária e pelas misérrimas traições e topeas perversas de que foi alvo.

Basta que nos lembremos que foi nesse período negro da história maranhense que campeou infante a medonha *Balaúda*.

O jornalista, sempre inspirado nos ditames da justiça, já vinha estudando a ciência do direito, e, depois que se por fora da agitação partidária, atirou-se de todo a ela, fazendo-se advogado.

Nas plácidas lides do foro se demorou Lisboa até 1855.

Na tribuna forense teve repetidos ensejos de mostrar os seus extraordinários dotes ora-

tórios por dilatados anos, o que também aconteceu na assembléia provincial do Maranhão nas legislaturas de 1838-39 e 1842-43.

Mas esse escritor político, jurista e orador, pela força irresistível da vocação, adrede provocada pelos fatos, pelos acontecimentos do meio em que vivia, não se converteu que depois de 1840 pudesse deixar a pena por uma vez; e de fato não deixou. Já em julho de 1842 ele-o a frente do *Publicador Maranhense*, em cuja redação permaneceu até julho de 1855, data em que se retirou para o Rio de Janeiro. No *Publicador Maranhense* encontraram-se alguns dos mais belos escritos satíricos de Lisboa acerca dos costumes de sua época. Tais são a *Proclamação dos Ocos*, a *Festa de N. S. dos Remedios*, o *Teatro de S. Luz* e outros.

Ao mesmo tempo que trabalhava no *Publicador*, fazia sahir, segundo semestre do ano de 1852, os cinco primeiros folhetos mensais a que pôz o título de *Journal de Timon*, e no fim do ano de 1853, em um só grande volume, os cinco números seguintes até o décimo.

Deixado o Maranhão pelo Rio de Janeiro em julho de 1855, como já advertimos, passou-se em fins desse mesmo ano para Pórfugo, com a incumbência de investigar subsídios e documentos para a história do Brasil.

É que, em os números publicados do *Journal de Timon*, tinha o ilustre maranhense revelado alto saber e grande capacidade no tratar a história de nossa pátria.

A política e o direito tinham-no levado naturalmente para a história.

Em Portugal, onde residia de fins de 1855 a meados de 1863 em que faleceu, prosseguiu nas investigações e estudos históricos.

São disso testemunho os números undécimo e décimo segundo do *Journal de Timon*, publicados num volume de 427 páginas, em Lisboa, no ano de 1858, e a *Vida do Padre Antonio Vieira*, que ficou inédita. (1)

Um exame rigoroso das obras de João Francisco Lisboa, piedosamente recolhidas e publicadas por Luiz Carlos Pereira de Castro e Antonio Henriques Leal, em última edição, em quatro volumes, em São Luiz do Maranhão, nos anos de 1964 e 65, revela que se dividiu elas em estudos e discursos, políticos sociais e em estudos históricos. Entre os primeiros sobresal o excelente escrito acerca das eleições na antiguidade, idade média e tempos modernos, comparadas às de sua província, e outros costumes políticos e principais tipos representativos estudados com rara penetração, graça e delicioso humor.

Entre os segundos destacam-se os *Apostamentos para a História do Maranhão* e a *Vida do Padre Antonio Vieira*.

A grande autoridade de Gonçalves Dias dava preferência aos primeiros sobre os segundos nestas palavras em carta a A. H. Leal: "A ele ao estilo de J. F. Lisboa com toda a propriedade, que há bem poucos exemplos tais na língua portuguesa, se pode aplicar o dito de Rodrigues Lobo, quando quer caracterizar uma de suas figuras da *Corle na Aldeia*: — muito natural de uma marmura que fica entre o ouro e a carne, sem dar ferida penetrante — E, porque isto nele é o que mais me cativa, acho incomparavelmente superiores aos outros os seus primeiros folhetos, quando trata dos costumes políticos do Maranhão, que o são de todo o Brasil, e mudadas as cenas, de muitos países onde prevalece o regime constitucional."

O Estado do Maranhão araba de saldar a sua dívida de gratidão para com um dos filhos dessa terra que mais a tem ilustrado. A cidade de S. Luz mereceu nossos tempos, não mais remotos, a denominação de Atenas Brasileira, e não é ela inequívoca, se atendermos a que foi o berço do mais ilustre dos nossos poetas e do mais ilustre dos nossos prosadores, — de Gonçalves Dias e de João Francisco Lisboa.

O primeiro já tinha o seu monumento; acaba de tê-lo o segundo, sob a forma de uma estatua, obra do escultor francês Magrou. Encarregada de organizar a cerimônia a Academia Maranhense publicou um volume comemorativo do escritor, no qual se reuniram excelentes contribuições, a esse respeito, de Antonio Henriques Leal, Sotero dos Reis, Teófilo Braus, José Veríssimo e Pedro Lessa.

João Francisco Lisboa foi um modelo de prosador, sem haver sido intencionalmente um jornalista, o que torna o seu estilo por vezes agressivo no pelo menos brilhante. Aprendeu, porém, a escrever com as elegâncias, que não andavam acentuadas daquela sociedade intelectual, pole que conviviam intimamente com o ilustre Sotero dos Reis. A escrita foi por certo melhor que a dos jornais da atualidade, que hoje cursam, com desolador exclusivismo, muito apertado a publicista. Quando João Francisco Lisboa se revelou tal, na *"Crônica Maranhense"*, e depois no *"Journal de Timon"*, fez-o com uma autoridade de pensador e de artista por forma capaz ainda de surpreender os que se lembrarem de que lhe faltavam estudos regulares. Não obteve

Esta sentença do famoso poeta achou logo quem a repetisse no sr. José Veríssimo nestes termos: "A obra, porém, mais original, a mais nova ao menos — e refiro-me sempre à nossa literatura. — de J. Lisboa e o seu *Journal de Timon* na parte relativa a política e eleições, especialmente na porção dela, a mais considerável sobre partides e eleições no Maranhão." (2)

E, como se vê, sem a indigesta e pesada citação, o mesmo juízo do poeta *Os Timbiras*, mesmo o chiste e doçura da linguagem.

Em que pese, porém, a competência do famoso poeta, achamos superior a obra histórica de João Lisboa. Por ela é que ele tomou assento entre os mais eminentes escritores brasileiros, ocupando o posto de príncipe de nossos historiadores.

Os meritos dessa obra são a beleza do estilo, claro, conciso, cortês, vibrante, por vezes, a erudição segura, de primeira mão; o espírito liberal e humanitário; a análise peremptória seguida de rápidas e lúcidas sínteses; a atenção que deu aos problemas etnográficos na formação da população; a inquirição acerca do estado jurídico do povo e das condições da administração colonial; a referência segura ao estado econômico das colônias sob condições do trabalho, ao drama pungente da escravidão dos índios, às lutas dos colonos com os jesuítas, às vacilações do governo da metrópole nas mais graves questões, à rapidez e aos demandas dos funcionários e magistrados, ainda os mais notáveis.

Silvio Romero e João Ribeiro — *Compêndio de História da Literatura Brasileira*.

(1) — *Vida no Panteão Maranhense* de A. Henriques Leal, vol. IV, a excelente biografia de J. F. Lisboa.

(2) — *Estudos de Literatura Brasileira*, 2.ª série, pág. 186.

portanto grau acadêmicos, devendo a si próprio tão somente a sua ilustração e o seu adorno.

O Brasil de ontem contou mais de um João Francisco Lisboa, no sentido desses eruditos, e de uns tantos memoráveis jornalistas de província, que não lograram um e outro qualificação, embora sem ciência e sem estilo. Não sei se o amor ao estudo era então maior, ou se o meio favorecia mais a mencionada instrução voluntária. O fato é que tem desaparecido da vida dos Estados as representantes daquela espécie de estudiosos, gente de "croché", cartola e calças brancas, que dantes constituíram em muitos casos, pela competência pela compostura, pela sinceridade dos seus propósitos e pelo fervor das suas ideias, um dos títulos de honra das províncias e um argumento moral em prol da descentralização. Esta teve, todavia, pelo que se vê, o resultado oposto.

Nenhum contudo se pode comparar com o maranhense eminente, que teve por objetivo capital, ilustrado com fidelidade pelo sr. Pedro Lessa, harmonizar a política com a moral — um consórcio, que quando chega a ser celebrado, dá as mãos das vezes prontamente em divórcio. As ilusões eram então grandes, e grande a generosidade dos ideais João Francisco Lisboa deu a prova individual desse estado de alma coletiva, quando, diu do escol dos seus contemporâneos brasileiros; mas, ao mesmo tempo, e foi isto o que o salvou da banalidade dos desluzidos, aliou sempre à sua elevação de espírito um senso sábio das realidades que o tornou um excelente crítico de costumes e de caracteres, com foros de panfletário. Timon não foi para ele um nome vazio; o atencioso teve a graça mordaz e o despreso de quanto o merecia. De quanto e de quantos.

É claro que João Francisco Lisboa nasceu com dotes literários. "On devient cuisinier, mais on nait rotisseur", Lisboa não se contentou, entretanto, com ser um cozinheiro trivial; foi exímio na arte, o que se adquiriu com a prática e o cuidado. Ora ele foi essencialmente um estudioso. Quando faleceu, em Lisboa, ocupava-se em estudar, nos arquivos portugueses, o passado nacional, no qual soube enxergar mais do que uma série de sucessos militares ou um rol de capitães-generais e vice-reis, descobrindo e aprofundando os aspectos sociais e econômicos. Foi-lhe antes que a ciência se apresentasse nas incasas essa orientação, mesmo porque, nas influências que pesaram sobre o seu espírito, como nas preocupações a que ocedeu o seu espírito, João Francisco Lisboa sempre foi rigorosamente nacional.

A sua obra de historiador confunde-se com a de moralista político, que ele sobretudo foi, na definição bem arida por José Veríssimo: mas o moralista não desmanteou, com as suas divagações, a necessária pureza das linhas históricas. Os seus melhores ensaios neste campo foram o ótimo trabalho sobre a conspiração do Bequimão e a biografia incompleta, por haver-lhe surpreendido a morte, do padre Antonio Vieira. Incompleta, muito embora, é excelente. O assunto tem aliado tentado vários escritores de nota, que desanimaram a meio do caminho, sentindo-se perdidos no labirinto de argüições e sublezes do famoso jesuíta. Neste momento, a ele se consagra um historiador de grandes dotes, espírito parecido com o de João Francisco Lisboa, na severidade do método, na sobriedade do estilo, na imparcialidade dos

juízos. Refiro-me ao sr. J. L. de Azevedo.

O prestígio de João Francisco Lisboa não se se derivou, contudo, do seu talento; timon e não pouco se derivou do seu caráter. Toda a vida se impôs pela seriedade do proceder e pela compostura da ação. Era digno de ser imitado, o que não acontece com outros, que, no entanto, se dão como modelos a ser copiados. Além da honestidade sem jaca, possua outra virtude, então como presa temente, rara — a torpeza, que sabia estender aos adversários uma tolerância espartânica da sua alma, que não via não era de um utópico, e que fora fortalecida pelo saber adquirido pelo próprio esforço e pelo respeito devido a opiniões alheias, quando de boa fé e honradas.

Deveria ter vivido muito mais longo do que o meio de província, já pouco como escritor, foi ao menos das questões que abasteceram seu exame espiritual, já pouco como homem, palrou sempre de ma das lutas, grandes na política, vivendo longe dos mundos mais adiantados, não se tornou excêntrico, nem sequer pedante. Foi um precursor da moderna escola científica da história, sem verborragens órias, sem elos noziosos ridículos e sem rotinismos filosóficos. Em tudo, foi a clareza, e quanto não devia ter tentado toda-lhe! Vinha como se vingam os homens o espírito: por do parte a sua personalidade e retratando, nas suas páginas de mural política, imbuídas de pitoresco, o que era a sociedade em que se vivia. Fica-se sabendo, e a prova é de uma literatura mestra, e contudo despidida de praticismo, porque devia fallar ali e ar a uma mentalidade como a sua. Se esta e outras tantas de menor envergadura se refletiram aliures, onde respirassem mais a vontade, é porque a correspondência mais íntima apareceu naquela estreita, mais vivida, acendrado o carne, mais acessos os preconceitos, mais hostil a opinião, mais irritante a diferença, mais vulgar a luta.

Em não sei o que diria João Francisco Lisboa dos costumes políticos da atualidade no Brasil, ele, que tanto desconfiava e tanto satirizou os do seu tempo. Presumo que não diria grande bem, e nesta suposiçãoamento que a nossa época não possui um moralista e historiador como ele, para ficarem exadus, em traços mortais, os usos de Sotolongo, os traços dos nossos Charra, sobretudo alguns de província. Enquanto talvez mal, com eles, a desconfiança de Soares, mas, certamente não ficam com isso mortos. Não nos faltarão de certo talentos por se abrandarem a oprimos o que falta muito, e escreva em João Francisco Lisboa, é indubitavelmente de cateter, para lhes emprestar autoridade.

Parnamirim, fevereiro de 1914

OLIVEIRA LIMA

Sobre o Maranhão

(Continuação da pag. 40)

los e ordinários, eles se tornaram a ociosidade, as guerras, as malícias e as espalhões, o trabalho, coisa baixa e vil, correger exclusivamente sobre e escravos.

Prisados além disso de toda qualquer distinção, a sua vida, algumas raras festividades, o caráter religioso, estendendo de toda a casta de rezadeiras, peccos em número, e quasi esquecidos daqueles remotos e tratados presbiteros, pondo-se, e deixando-se e envergonhando-se a do povo, e já lá imaginam a sua grau de exatidão não sabe.

(Continuação da pag. 43)

JOÃO LISBOA EM S. PAULO - José Veríssimo

Esta nota a sua política de pluri-funções, São Paulo nos está dando. João Francisco Lisboa, o conhecido e apregoado, não é um homem de interesse que ali se manifesta de maneira positiva por coisa de cultura. Sem ser uma modelar, a sua instituição pública é porventura a melhor que temos, e o que talvez não suceda em outro dos nossos Estados, interessa já a população. E também acolhe as instituições particulares, e as escolas têm mais vigor e, talvez, maior eficiência.

Logo depois, no período de organização do Estado, é o exemplo singular a Sociedade de Cultura Artística, que com inteligência, zelo e consciência está procurando cumprir o seu programa mediante exposições de arte, audições musicais e conferências literárias.

Dez anos há com prazer e sucesso algumas, como a do antigo poeta paulista sr. Amador Amaral, sobre Raimundo Correia, e de outro de nome já conhecido, o sr. Vicente de Carvalho, sobre Alcares de Almeida, e do sr. Oliveira Lima, sobre "A arte diplomática", em que a futura das informações de cultura das graças do dizer, não me antaria a Sociedade de Cultura Artística publicando em volume as suas conferências, e em o que entenderia a todos os seus efeitos que legitimamente espera do seu empunha. (1) As que tenho lido são coisas sérias e de estudo, e não as futilidades que aqui foram certas conferências, aliás acompanhadas de grandes reclamações.

Essas melhores páginas desse livro, seria certamente o que sobre João Francisco Lisboa fez o ilustre sr. dr. Pedro Lessa, ex-professor de direito, advogado jurista e valor de estímulos estudos de filosofia da história e da história. E o sr. Pedro Lessa, um bom cultor das letras nacionais no que elas influem em os seus estudos de predileção.

Por um engenho literário para uma obra nativa, personalidade de verdadeira nobreza, pureza e elegância, distintas evidências de pensamento, é João Lisboa um dos primórdios escritores brasileiros. E dos poucos que não tiveram somente nas histórias da literatura ou nas antologias. Foi mais, o que lhe colou a personalidade, um bom cidadão, um homem de bem, e essa coisa raríssima nesta sociedade que parece ter nascido com todas as debilidades do vício, um caráter inteiro e inteiro. Não conheço em toda a literatura brasileira obra mais própria para nos lembrar o espírito e o coração do que a de João Lisboa.

Decoradamente foi esta circunstância que moveu o sr. Pedro Lessa a escolher para tema da sua conferência o grande escritor maranhense, que sobre manter bem alta a dignidade das letras, sem jamais se haver servido delas para "canon", segundo a pífia fraseologia de hoje, posições e vantagens pessoais.

Não, muito pelo contrário, conforme recordando-lhe a vida mostrou o sr. Pedro Lessa, as letras, além de alguns dissabores, só lhe deram o inefável prazer de as cultivar postas e sinceramente. Publicista e jornalista militante, historiador e moralista, humorista das vezes acerbos, mas sempre comedido, a feição característica de João Lisboa, a sua isenção, está fo-

lograda nesta sua frase, que não é apenas mais uma das tantas que mentalmente fazem os literatos, mas a mesma expressão dos seus atos: "não há poder antes que a verdade de deus acur-se".

E certo que não existiam ainda academias de letras que a pretexto delas sistematizassem o engrossamento. Nem sequer existia esta palavra. Veio como a humanidade, a banalização ainda não de todo despurada, se exerceria sem a desfaçatez que exigiu a criação do neologismo que mais acaso que o vernáculo lhe exprimisse a batizada.

Com sobrada razão achou o sr. Pedro Lessa assada a ocasião para despertar nos contemporâneos a memória do grande escritor e homem de bem que foi João Lisboa. Fe-lo com destilada arte, sendo o seu discurso, já pelo fundo, já pela forma digna do assunto, um modelo de composição literária do gênero. Fe-lo de maneira a dar aos seus auditores e leitores ideia tão cabal quanto o permite uma conferência, do homem e do escritor.

Tenho, aliás, o desposto de não estar com ele na calmaria com que na obra de João Lisboa sobressai a histórica e de inauguração, dando preferência ao historiador do Maranhão e do padre Vieira ao humorista de outras partes do "Jornal de Timon". Continua a pensar que é esta a porção mais excelente da obra de João Lisboa escritor. Agora a título — "Partidos e eleições no Maranhão" — que e ruína, esse escrito, jóia de romanesco, meio política, e pela nobreza da matéria e da composição, como obra de um moralista puro corrigido por um delicado humorista, uma das mais originais e mais finas da nossa literatura. E literariamente é a de composição mais perfeita, e de melhor acabamento, das que nos deixou João Lisboa. Há aliás em todos os seus escritos, incluindo os seus artigos de jornais e folhetins, uma qualidade não vulgar nos nossos autores, e que é a marca de um grande escritor, tal unidade de pensamento e de estilo que o que escreveu, sem embargo de alguma fraqueza de apreciação histórica, devida ao que já tive ocasião de chamar os seus preconceitos liberais, constitui uma obra uma, coerente, sólida, como poucas existem na nossa literatura.

Tudo isto deixou evidente o sr. Pedro Lessa. Honrando-me com a citação de um conceito meu sobre João Lisboa, historiador, diverge dele o ilustre acadêmico, peço-lhe venha para esclarecer o pensamento que, certamente por defeito meu, parece não achar bem claro. Julgo que João Lisboa exagerou a importância da revolta do Bequimão, vendo-a com olhos de liberal brasileiro de meados do século passado, como, sob a mesma influência, acaso exagerou a importância do nosso municipalismo colonial. Quanto à sua reprovação das tolas abusos e credências do padre Vieira, estou de inteiro acordo com o historiador maranhense. Ainda em relação com a época se não explicou, e menos desculpa, tais aberrações de Vieira. A sua instrução demasiado formalística e exclusivamente literária, como era em geral a jesuítica, não o levou de cair nelas, como lhe deixou cometer erros graves de cronologia, já ao seu tempo indiscutíveis.

E' um peso, a que ainda cedeu, se bem mais discretamente, de que é costume, o sr. Pedro Lessa falar de Bossuet a propósito de Vieira. De parte

serem oradores sagrados e contemporâneos, não há mais paridade entre os dois que entre a França de Luís XIV e o Portugal de D. João IV. Sobre ser orador sagrado de mais alto pensamento e melhor estilo e gosto muito mais apurado, Bossuet é um pensador, um filósofo, um teólogo, de doutrina, quando o comporia a teologia católica, própria, com toda a cultura sagrada e profana do seu tempo, e é mais um historiador (e não é ao seu retórico discurso sobre a história universal que aludo) de real valor. Ora, nada disto é Vieira, se não de segunda mão, mediocrementemente até ridiculamente, como no seu estilo de trocados e gongolismos do pior gosto, ou nas suas histórias do futuro ou do quinto império, ou mais ainda nas suas sandálias exegeses da "Clavis prophetarum" e dos próprios "Sermões".

Não mais o comparamos, pois, com o para mim antipático, mas deveras insigne Bossuet. A comparação apenas pode amesquinhar a Vieira, que aliás no seu meio, e apesar dos seus muitos cochilos e defeitos, é também grande.

E, até hoje, ninguém o estudou com melhor inteligência, nem lhe pôs mais patente a grandeza do que o nosso João Lisboa.

Admirando e subindo justificar a sua admiração, a João Lisboa publicista, historiador, orador, escritor de imaginação, e em tudo castigo, elegante e discreto, o sr. Pedro Lessa parece nele encherar sobretudo o moralista. Se lhe não interfere mal o pensamento, vê com acerto, e razão.

Toda a obra, inclusive a puramente histórica, de João Lisboa traz a sua preocupação doutrinária, a intenção de moralizar os seus concidadãos, porque nele o escritor não suplantou o repúblico. Estas frições, sobre serem da sua índole mental, eram do tempo. Os escritores da sua época a da nossa primeira geração romântica, não de inspiração religiosa e moral. Como que todos se sentiam obrigados pela sua nobreza intelectual a contribuir para a educação da nação que saía da infância. Seria hoje, depois da demissão da moral, para falar como o sr. Faguet, numa sociedade prodigiosamente adiantada um ofício, além de ingrato, ridículo, o de professor de moral.

Bem o compreendeu o sr. Pedro Lessa, terminando a sua excelente conferência, com estas palavras que na sua boca tem uma autoridade que a mim me falta, mas que apteúdo de todo o coração:

"Para ser um benemérito da pátria basta a Lisboa a memória do incessante combate que durante tantos anos, pelos seus períodos e por esse famoso 'Jornal de Timon', ele pelejou indefessamente em favor destas ideias extraordinárias, exóticas, incrédulas em nosso meio social, o governo e a administração pública competem aos mais notáveis pela inteligência, pelo nobre e pelo caráter; os homens que governam, devem subordinar-se às leis, e respeitar as liberdades e os direitos dos cidadãos; diante das autoridades, especialmente no começo dos governos, não se desfaçam os indivíduos em salamaleques, ilusões e adúlteras humilhações, bem como, sobretudo no fim dos governos, não se desentranhem tão pouco em alevosias, convícios e calúnias, cumprindo-lhes em qualquer tempo abster-se de conspirações e de revoltas. Em meio deste vasto tremendo que é hoje a vida política no Brasil, em que tudo se afunda e desaparece



A estatua de João Francisco Lisboa

na mais infecta lama, sobrenadando quase unicamente a absoluta inopacidade, o cretinismo em suas mais expressivas revelações, a suprema inconsciência e o completo e deusdado impudor, a servirem as ambições do mais rombo, estéril e envenenado egoísmo, com a silenciosa aquiescência dos que em imensa legião, perdidos os ideais dos homens civilizados, só cuidam tranqüila e sordida-

mente dos interesses e das comodidades materiais, evocar a figura histórica do austero patriota, João Francisco Lisboa, se ainda houvesse possibilidade de arrependimento e de remorso, fóra, para me utilizar de uma imagem outrora muito ao sabor dos nossos políticos e jornalistas, produzir a mesma impressão que o aparecimento da sombra de Banquo em meio do festim de Macbeth".

BIBLIOGRAFIA DE JOÃO FRANCISCO LISBOA

Eis, segundo Artur Mota, a bibliografia de João Francisco Lisboa:

1 — "Obras", de João Francisco Lisboa, precedidas de uma notícia biográfica pelo dr. Antonio Henriques Leal, em 4 vols. de 518, 517, 579 e 760 págs. — S. Luiz do Maranhão, Tip. de B. de Matos, 1864-1865.

Encerram: "Jornal de Timon" (publicação mensal), abrangendo: "Eleições da antiguidade", "Partidos e eleições no Maranhão" (1.º volume); "Apostamentos para a história do Maranhão" (vols. 2.º e 3.º); "A vida do padre Antonio Vieira", "Biografia de Manuel Odonato Mendes", "A festa de N. S. dos Remedios", "Teatro S. Luiz", "Discurso sobre a anistia aos pernambucanos revoltosos", "A festa dos mortos ou a procissão dos ossos", "A questão do Prota" e "Notas" (4.º vol.).

A segunda edição é portuguesa, em 2 vols., de 430 e 683 págs., com uma notícia de Antonio Henriques Leal e um apêndice de F. Sotero dos Reis, com o mesmo conteúdo — Lisboa, Tip. Matos Moreira & Pinheiro, 1891.

2 — "Vida do padre Antonio Vieira" — (obra póstuma) — 5.ª edição de 388 págs. — Rio, B. L. Garnier, 1891.

João Francisco Lisboa (s. 172).

"O Brasileiro", escreveu no "Pharol Maranhense", no "Echo do Norte", na "Chronica Maranhense", em "O Forum", no "Correto Mercantil" (do Rio de Janeiro), no "Publicador Maranhense", "Jornal de Timon" (por ele fundado e mantido, em publicação mensal), no "Jornal do Comércio", (Rio de Janeiro), na "Revista Contemporânea de Portugal e Brasil" (1862) e na "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro".

A sua iconografia é representada no 1.º vol. das "Obras completas", na "Littérature brésilienne", de V. Urban, e nos "Clássicos Brasileiros", de Lourenço Freire.

("Revista da Academia Brasileira", n. 96).

SOBRE O MARANHÃO (Continuação da pág. 42)

riam os seus ódios mesquinhos, emvenenados de mais a mais periodicamente, nas residências e devassas janetinhas — campo aberto a todas as funções para se degradarem, e vasto laboratório de calúnia e difamação, elevado pelas leis ao caráter de instituição regular e permanente.

("Obras" — v. 3 — págs. 171-172).

(1) — Este desejo acha-se hoje excelentemente realizado com a publicação do volume: "Sociedade de Cultura Artística", Conferências, 1917-1918, S. Paulo, 1914, 243 p.

João Francisco Lisboa na opinião de Ronald de Carvalho

Sobreleva a todos, nesse período, João Francisco Lisboa (1812-1883) o autor espiritual, elegante e sutil do "Jornal de Timon". Manejando a língua com apuro e distinção, conhecendo as velhas literaturas, a portuguesa especialmente, foi ele um dos nossos escritores clássicos por excelência, aquele pelo menos em quem o sabor clássico é mais característico. Muitas das suas páginas lembram, pela malícia e ironia, o estilo de um D. Francisco Manoel mais espontâneo e desalinhado. Inteligência universal, queremos dizer versátil e polimorfa, Lisboa, no meio dos seus companheiros entusiastas e atirados, brilhou pela liberdade do caráter e pela profundidade da capacidade de observador aguçado e astuto.

Suas investigações não se circunscreveram a rebuças de biografias obscuras, dilataram-se aos problemas jurídicos, éticos, políticos e sociais, pois ele possuía, em alto grau, a intuição do que se chamaria depois a "fisiologia da história". Praticamente, na política e no jornalismo, teve ocasião de sondar a alma popular, de ver em atividade o organismo social da sua terra, de lhe seguir, portanto, a marcha evolutiva como parte integrante dele. Naturalmente, depois de certo tempo,

tornou-se desiludido da refrigeração. Ali dos delicados! Não esbravejou, porém, aconselhou, sorrindo às vezes, outras cheio de piedade, a medicina que a sua experiência larga e avisada lhe ditava. O "Jornal de Timon" é um documento de psicologia política; muitas considerações se nos deparam nele que teriam, ainda agora, o gosto da oportunidade, tanto é verdade que os povos são de índole conservadora e preguiçosos no desapego aos máis hábitos adquiridos, como diligentes na receptividade deles. Lisboa não fez do seu "Jornal" um panfleto, como a "Lanterna", de Rochefort, mas um livro de notas profundas e vivas lastreado de eruditas ponderações, no gênero, guardadas as proporções, dos "Essais" de Montaigne, e onde há verdadeiras teses ricas de conceitos e informações, como as "Eleições" e os "Partidos no Maranhão", e os "Apontamentos, notícias e observações para servir à história do Maranhão".

João Francisco Lisboa, que, entre numerosos artigos publicados na imprensa, também escreveu, com o duto cuidado de sempre, a "Vida do Padre Antonio Vieira", é o mais lúcido espírito e o maior estilista do tempo. (Pequena história).

Capítulo I do romance "Dunas" — Brasão Accioli

O sobrado de telhas encardidas e algumas de vidro é o maior, o mais alto de toda a cidade, tendo duas varandas, sendo que a dos fundos da de cima com a vista nos montes, no rio, onde as águas passam levemente sobre as pedras lisas.

A vegetação doce dos montes, investe com fúria, enlameando-as como braços em luta e se não continua pelos cercados é porque o rio a naufragar, ficando somente os salgueiros marulhando dentro d'água, enchendo as locas de pedra com suas raízes.

As corciliheiras são de montes em pico, escurecem no topo, verdes com a vegetação circundando as balizadas como um colar de clorofila e no verso, mesmo quando todas as corciliheiras, as outras casalingueiras estão desfolhadas, raquíticas, as dos montes conservam uma cor de quem mais respira, de quem mais sossega. Bem na beira do rio, a casa de polvorosa é como um porto de emergência e não raro se vê uma canoa presa ao forquilhaço, um bote que moreja.

Foi a voz de Maria da Glória, essa voz mansa chamando Bernadete que me veio embalar numa recuperação de conforto, tirando-me dessa angústia de ficar como que preso ao canto do rio, remoando nessa mancha de tristeza de uma velha música, de uma velha história musicada que cada vez que a lembrança flico com as temporadas latejando, os olhos longínquos.

A figura de Maria da Glória eminha palida, sacolejando-se numa armadilha de ossos, as mãos com o roto salitino como as dos santos torturados, — e a vejo atravessar a porta que da para o quarto de Bernadete, atravessando fluante, simplesmente fluante, rápida.

A voz mansa se repete. Suplica. Implora.

Ocupa a súplica renovar-se, chegar ao meu conhecimento com aquela mansidão de pedido amigo e às vezes chego a pensar que Maria da Glória me está pedindo alguma coisa, que aquele pedido de Maria da Glória para Bernadete e também para mim.

Mas que posso fazer? Berol somente eu o culpado? O criminoso de toda essa história triste? Encurvado dentro do marquês, relanceio morosamente os lagados cobertos de panos, as mulheres tratando tripas frescas, soprando, manejando o cutelo como réo-reco, lavadeiras mergulhadas até os joelhos e mais adiante meus olhos caminham como uns bois que pouco a pouco se vão perdendo na folhagem. O marquês fortíssimo envolve os montes, levanta-se das águas ainda mais impetuoso, condensando o ar numa intensa vibração, como se as moléculas estivessem prestes a romper-se.

Agora vem uma canoa deslizando, nistando-se das cabeceiras de Zé Felix.

Um cavalo nadando atravessa águas veloz.

A cor é de um azul paradisíaco refletido o céu, um lago de nuvem estatelado, somente sujando sem resolver um único pingulo água.

O de esboço apito, como um breve alarme. Depois, uma espécie de silêncio invadindo tudo.

Estava encurvado, os olhos vagueando na tristeza do rio, dos montes, na tristeza de uma história que muito se conhece com a vida das águas — encurvado no velho e abento marquês quando a voz de Maria da Glória surgiu, mansa muito mansa.

Vê-me no lado de Maria da Glória, presenciando a expressão dos olhos de Bernadete, uns olhos que sempre estão pulidos, esgazeados, sempre terríveis, amesquados, uns olhos que parecem falar brutalmente, que parecem falar de voragem. É delatado, como continuo, no marquês, percebo que os esforços de Maria da Glória aumentam cada vez mais.

De novo a malícia de Maria da Glória se repete.

— Vamos Bernadete, tenha calma, engula somente esse polvilho.

Silêncio. Zumbidos de nosas sobrevoando uma cometa de doce defendida por um moçoqueto de tela; Veludo, lambendo-se, delatado na espregueadeira. Tique-taque. A penúltima sistemática. Tique-tique.

— Tome o remédio Bernadete. Você precisa ficar boa!

Maria da Glória deve ter sentido os cabelos de Bernadete porque ouço sua voz irritante, metálica.

— Tire as mãos de minha cabeça, minha noiva. Os meus cabelos são de ouro, ouviu? Ouro, ouro, ouro...

O pézinho malcriado martelando o assoalho.

— Não tome remédio nenhum, sua de junto do mim.

Maria da Glória saiu correndo de dentro do quarto, soluçando e encorrendo, enquanto a porta se fechava fortemente com um surdo baque.

Vinha branca, mas muito branca, um vidro de remédio numa mão, na outra uma colher de sopa, os olhos como de quem fugia de um abismo, de um enorme perigo. As nádeas do rosto tremiam. As mãos numa palidez de espantar. Toda tremendo.

— Você agora tome conta de sua filha, Sigismundo.

Disse ao sentar-se. E o choque para mim foi tão grande que fiquei como pregado ao marquês, sem nenhum gesto de auxílio, completamente surpreso, completamente inerte.

Nem fui ver para Maria da Glória um copo d'água.

Quando ela voltou a sentar senti-me como culpado de todo esse incidente e cheguei a ter a incerteza se a devia fitar, se devia dizer-lhe alguma coisa.

— Maria da Glória você...

Mas ela rematou a minha pergunta inacabada antes que pudesse externar o meu sentimento, a minha culpa.

— Nada, Sigismundo. É isso mesmo. Pior é a guerra.

Remexi-me no marquês, corri todas as manchas do torso e fui pregar minha vista no gramofone.

Primeiro desapareceu a cadeadeira, depois a estante de música e quando o gramofone com sua grande corneta, sugerindo uma gigante flor desapareceu, meus olhos já estavam longe, mas muito longe de tudo que me cercava.

O vento de leve agita os galhos da espregueadeira, os cantos amarelados de cravos de refúgio e parece uma pessoa assoando-se por entre os caules dos ciprestes da crepúsculo no fundo do quintal. As pedras recendem num calor barbaresco de onze horas. Na sala, as moscas não estão quietas um só instante; grande silêncio como se houvesse proibição de gestos.

O ventre de Veludo é como uma constante náusea: enche, vaza, enche, vaza...

Então serrei somente eu o culpado? O responsável por esta dor de cabeça que faz latir minhas têmporas, transformar a

vida de Maria da Glória, a nossa vida?

Sinto que meus olhos foram basear a história mais triste de minha vida, meus olhos transformaram-se em dois poderosos perfuradores, alancando-me para um lugar onde o cenário não apraz a minha gramofone, estante de música, crepúsculo.

O marquês lembrando um objeto sem uso, disponível, vazio, porque Maria da Glória poderia sentar-se nele. Eu não a sentiria junto de mim.

O marquês é um ponto de apoio para o meu corpo deslizado e meus olhos continuam na direção da corneta do gramofone, olhos endireitos devido a observações de cinescópio retrospectiva, de várias antirretrospectiva. Os olhos chegam a tirar chispas nas rodas dos carros de bulchando nas areias e uma onça de suor lava meu corpo imóvel como se eu houvesse feito uma grande jornada. As minhas mãos estão dançando, irregulares, cada vez mais irregulares, desenhando o ar de voos rápidos. E há uma impertinente, pedando na ponta do meu nariz. Dou um safanão. Dou outro. Mas sempre ela vem, azucrinando.

Jogo a cabeça para o lado de Maria da Glória. E me deixo no véu da tristeza. Parece um pássaro ferido. De cabeça baixa, as mãos encruadas no peito magro. Fico a olhá-la como se fosse um bom médico e como não me achasse com direito de fitá-la mais tempo, assim lhe: — Já está na hora do almoço. Maria da Glória?

Minha mulher começou a chorar, talvez já estivesse chorando por dentro e esta minha pergunta assustou-a a uma valvula.

A voz de Maria da Glória respondeu-me lírica e distante: — Diga, Sigismundo. Você está contente? Você está muito contente, não é? Minha mulher me viu cair de novo, naquela solidão, olhando para o tempo, integralmente abstrato. Voltavam todas as coisas, voltava a cabeça de Fabiola flutuando como uma cansada marinha. Voltavam os adreches de Fabiola, voltavam as velas do veleiro branco como asas enormes de galvatas. Estava perdido. Tinha tudo voltado. O veleiro de Fabiola navegava a barlavento. Havia no tombadilho barreiras de vinho português: homens brozeados sacolejando músculos, subindo ao topo do maior mastro. Sim, mas tudo isso era dentro do veleiro cortando as águas da minha imaginação, as águas e corlões dos corais soltando como crianças ao verem na popa do veleiro a figura de Fabiola. Eu era um homem morto pelas vírgis.

Por que viver o romance de Fabiola num pensamento de sangue? O caminho será o mesmo? Tudo naufragará? Quem sabe?

O próprio marquês que estava a ser levado pelo corpo, nem eu próprio, sabemos.

Minha mulher voltara a pedir que Bernadete empilhasse uma colher de remédio e os gritos de Bernadete chegaram a mim insignificantes, mansos.

Não ouço nada, nem posso ver nada. Bernadete poderia até espantar minha mulher, arrancando todos os cabelos de Maria da Glória numa de suas fúrias de criança louca. Nada poderia sustentar. Nada, nem mesmo um assassinato. Um imenso mar enche meus olhos de espuma, de águas enfurecidas. No rio, os negros ainda devem estar de cócoras, soprando tripas.

JANEIRO DE 1942 — RECIFE

Rainer Maria Rilke

Em Praga, onde surgiram alguns dos maiores espíritos da literatura moderna como Kafka e Franz Werfel, nasceu o poeta Rilke. Sua Pátria, como a de todos os verdadeiros poetas era a infância. Não se é de nenhum país, a não ser do país da infância. Desde cedo iniciou uma série de viagens. Esteve na Rússia, onde visitou no retiro de Yasnaya-Polyana o velho Tolstói. Em Paris conheceu Rodin, de quem foi durante certo tempo secretário. Andou pela África e pela Espanha acompanhado de Eleanor Duse. Ao passar por Madrid, foi ao Prado, para "saudar Goya com entusiasmo. Goya com assombro e Velasquez com toda a cortesia". Aspirando a uma completa solidão, retirou-se para a Suíça, onde ficou até o fim da vida. Terminou seus dias com a mesma atitude lírica que sempre tivera em face das coisas e dos homens. Morreu não de uma morte qualquer, mas de "sua própria morte". Ao colher uma rosa para uma pessoa amiga feriu-se em um espinho, sobrevivendo uma infecção. E diante do tratamento médico, Rilke respondeu: "Não desejo a morte dos médicos. Deixai-me morrer a minha própria morte".

"Os Cadernos de Laurids Briz" — "Histórias do Bem Jesus" — "A morte do corneteiro Cristóvão Rilke" — "Cartas a um jovem poeta", etc.

POEMA

Rainer Maria Rilke

Guardiã da noite escura
Velando e rindo ai vem...
Seu nome eu digo: Loucura,
É busca um nome na noite,
Chamando está: sete, dez...
E tem na mão um triângulo
Que ela treme e goipeia
Cantando estranha canção
Que fica dentro dos lábios,
As crianças na noite boa
Ouvera... dormindo estão,
Enquanto a Loucura vela.
Mas os cães ladrando à lua
Quebram correntes e argolas
E ficam pelos jardins,
Tremendo quando ela passa...
Medroço do seu voltar.

(Tradução de Petronio de Castro Souza).

Duas mortes na Academia Brasileira

A a manha que está a findar
ya d'ale intencional, no qua-
da da Academia Brasileira de
letras na segunda-feira p-la
madrugada falecia, em sua casa
da Ladeira do Assaí, Fernando
Magalhães; na noite de ter-
ça-feira, falecia, na Casa de
São da Gávea, Pereira da Sil-
va.

As duas figuras igualmente
doutoras da casa de Machado de
Assis, embora, na vida literária,
estivessem colocadas como anti-pó-
dos — Fernando Magalhães foi,
essencialmente, uma organiza-
ção de homem de ação, de políti-
co de liter. Sua simpatia
pessoal, irresistível, sua eloquên-
cia, o ardor com que apreciava
os contemporâneos, combaten-
do uns e exaltando outros, o im-
peto do arrojo, o destemor de
suas altitudes — tudo isso for-

nava dele um polemista de ten-
sível pulso, um lutador, um
condutor de massas. Ao contrá-
rio disso, Pereira da Silva era
poe experiência o poeta. Ele de-
via ouvir estranhas vozes em
surdina, esse homem tímido,
mal-humorado e sofrido: devia
ouvir aquelas vozes que um dos
seus grandes confrades chama-
ria as vozes das estrelas. E to-
da a sua vida de quase septua-
genário viveu-a ele nesse en-
canto doloroso, mas ma-
ravilhoso.

Tanto Fernando Magalhães,
quanto Pereira da Silva, foram
inhumados no cemitério de São
Joaquim. Damos nestas pá-
ginas os adeus da Academia
aos seus dois ilustres mortos: o
adeus a Fernando Magalhães,
pronunciado por Pedro Calmon;
e o adeus a Pereira da Sil-
va, proferido por Mucio Leão.

Traços biográficos de Fernando Magalhães

Fernando Magalhães nasceu
no Rio de Janeiro a 18 de fe-
vereiro de 1878. Era filho de
Antonio Joaquim Ribeiro de
Magalhães e d. Deolinda Ma-
galhães. Educou-se no Colégio
Pedro II e graduou-se em me-
dicina em 1899. Já em 1900 era
investido nas funções de pro-
fessor interino de ginecologia
na Faculdade de Medicina e
um ano mais tarde investido
na cátedra de livre-docente
exercendo no professorado, co-
mo substituto, de clinica obs-
trínica. Exerceu o cargo de di-
rutor do Hospital da Materni-
dade do Rio de Janeiro, e, su-
cessivamente, foi membro do
Conselho da Universidade des-
ta capital, do Conselho Nacio-
nal de Educação, professor do
Instituto Franco-Brasileiro de
Alta Cultura, diretor da Facul-
dade de Medicina, reitor da
Universidade do Rio de Janeiro,
diretor da Beneficência Portu-
guesa, diretor do Hospital Pro-
prietário consultor do Hospital da
Beneficência Portuguesa, pre-
sidente da primeira e da quarta
Conferência Nacional de

Educação e delegado do Estado
do Rio de Janeiro à Assembleia
Constituinte, em 1933. Da mes-
ma forma, era membro da Aca-
demia Nacional de Medicina,
da Academia de Obstetrícia e
Ginecologia do Brasil, além de
numerosas outras atividades
científicas.

Ocupava na Academia Brasi-
leira de Letras a cadeira n.º 33,
da qual é patrono Raul Pom-
pêia e fundador, Domício da
Gama. Foi eleito a 22 de julho
de 1926 e recebeu naquela su-
dalicia, a 8 de setembro do
mesmo ano.

Fernando Magalhães deixa
viuva a sra. Olga de Andrade
Magalhães, filha do ilustre es-
critor e jornalista Nuno de An-
drade, e as seguintes filhas:
sra. Beatriz, casada com o sr.
Julien Chacel; srta. Lucia, di-
rutora da Divisão de Ensino Se-
cundário do Ministério da Edu-
cação; e sra. Lavina, casada
com o sr. José Carlos de Olivei-
ra Costa; e Nuno, catédrico
interino da Faculdade de Medi-
cina.

O adeus da Academia Brasileira a Fernando Magalhães — Pedro Calmon

"O adeus da Academia Brasi-
leira a Fernando Magalhães é
mais do que a homenagem de
sua saudade na emoção triste
da despedida traduz a grati-
dão coletiva pelo exímio pres-
tante que, por três vezes, lhe
orientou com acerto os destinos,
e a justiça que testemunha e
tributa aos seus admiráveis
serviços. Orgulhava-se dele.
Foi uma das figuras veneradas
desta comunidade de homens
de pensamento. Tinha a altura
mental, a finura de espírito, o
erubescer cívico, que o vin-
cularam à sua época e à sua
terra como forte expressão de
raça e alma; pode-se dele dizer
que nasceu predestinado para
dirigir o sentimento público; e
com esse condão de doutrinar
as massas atravessou a vida se-
guido admirado, aplaudido, co-
mo o professor de vasta ciência,
o tribuna de inspirada eloquên-
cia, o esteta apaixonado pela
beleza e pela verdade, o pastor
de opiniões agitando nos lobos
da nossa paisagem social o seu
gesto de comando...

Médico de notável saber, ténico
no seu donio ofício, feste-
jado pelos mais ilustres fute-
zes da proficiência e do conhe-
cimento — nunca, devesa, res-
tringiria ao campo da ciência
aplicada a insaciável curiosi-
dade de seus talentos. Rece-
beu-o a Academia, na vaga de

Domício da Gama e na cadei-
ra de Raul Pompêia, como ao
polígrafo iluminado pela con-
sciência literária de sua missão
de mestre das boas lições, so-
ciólogo do papel dos doutores
no meio brasileiro, pedagogo
das questões gerais do ensino,
marinista ou filósofo nas suas
mensagens de entusiasmo vir-
tutoso, escritor de excelente
prosa, poeta das idéias harmo-
nizantes, orador, na linha dos
maiores que tem honrado as
letras nacionais. Irresistível na
fluência de sua palavra per-
suasiva, fulgurante e memora-
vel no arrebatamento de suas
campanhas patrióticas. Viera
da cátedra, ressoante ainda das
vibrações retóricas do outro sé-
culo, quando os perfectos len-
coravam de ênfase a aula pri-
mosa, como um enviado das
forças imateriais de que se
constitua a Universidade. Devia
falar às multidões a linguagem
quente e ingénua dos que nelas
vrem. Embebera no convívio
da mocidade o idealismo flame-
jante, retemperando-o dum
estranho vigor. Trasia a em-
batizada das esperanças im-
postas no calor de suas "orações
de sapiência", na trepidação
juvenil de seus discursos de pa-
ranteado, no fogo claro e in-
quieto de seu apostolado de
educador, de estudista intel-
lectual, de semeador de iniciativas

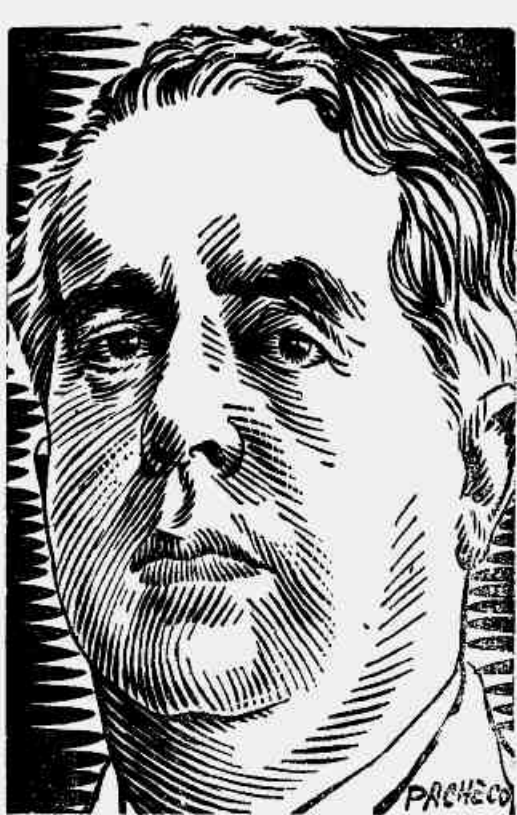
generosas, de advogado da di-
gnidade humana, de criador de
unicidade e planície, de
condutor e patrono de gerações.
Na Faculdade, que se usou de
seu prestígio, na reitoria da
Universidade, a que cubiu por
seu mérito, na Liga da Defesa
Nacional que presidiu com ra-
ra eficiência, na Câmara políti-
ca e no Conselho de Educação,
a sua personalidade se agigante-
ou na influência que exerceu
e na simpatia que propagava.
Acompanhava-o o sortilégio da
palavra comunicativa, musical
e bemmente. Se há uma estrela
a guiar o peregrino de gênio
por seu caminho difícil, signo
de sua vocação e coerência de
sua luta, o astro benigno que
ele enchia de fulgor à noite es-
trelada, era a serena luz do
Dever. Animava-lhe o senso e
o gosto da palavra que ensina.
Impelia-o para os desinteres-
sados debates de sua profissão,
para as brilhantes alocuções do
seu sacerdotio escolar, para os
fulgurantes apóstrofes da sua
pregação nacionalista. Dava-
lhe a intuição dos valores imor-
tais, que ele percorre a exper-
sua obra tribunicia, como o pa-
lpitante segredo de sua unidade.
Aquela sua fé ardente e sonora
nos direitos da inteligência, nas
fibras do caráter, nos argumen-
tos do coração, na preeminên-
cia do espírito, na fidelidade à
religião, na cultura que redi-
me, constrói e exalta. Aquela
sua crença inabalável no povo,
na tradição, na liberdade, na
Pátria. Aquela sua impávida
confiança no Brasil eterno, de
seus hinos de comovido lirismo
e de vangloria exuberante, de
suas perorações esmaltadas de
todos os matices que refulgem
na pompa da natureza brasilei-
ra, principalmente de suas alti-
zas homíneas proferidas em seu
laurar e em seu auriúo. Aquela
sua ação pertinaz e definitiva
em favor da conciliação or-
lográfica, vazada no primeiro
acordo inter-acadêmico, que
lançou as bases da concordia
presente, no domínio vocabular,
sob a égide da uniformidade da
língua portuguesa, voto e ideal
em que se juntaram a Casa de
Machado e Nabuco e a velha
Academia das Ciências de Lis-
boa, como tanto desejou e quis!
Seja, pois, a plácida luz do De-
ver cumprido, que lhe illumine
a derradeira jornada, quando
de nós o afasta a morte: que
dela realmente se liberton, pa-
ra sobreviver na amizade dos
companheiros e no respeito da
posteridade como um insigne
operário da Vida, sobre cuja
urna funerária se inclinam as
serenas e impercíveis inspira-
ções de sua glória, resumidas
na severa invocação dos seus
longos e nobres trabalhos.

A Academia não o esquece-
rá!"

TRAÇOS BIOGRÁFICOS DE PEREIRA DA SILVA

Antonio Joaquim Pereira da
Silva nasceu em Araruna, no
Estado da Paraíba, a 9 de no-
vembro de 1878. Fez os estudos
secundários na antiga Escola
Militar na Praia Vermelha. Co-
meçou a carreira de escritor fa-
zendo a critica dos autores con-
temporâneos nas colunas dos
jornais do Rio de Janeiro, espe-
cialmente nas da "Cidade do
Rio", da "Gazeta de Notícias",
da "Epoca", de "A Pátria", e do
"Jornal do Comércio". Ao lado
de Saturnino Meireles, Felix Pa-
cheço, Gonçalves Jacome, Carlos
Dias, Fernandes e Castro Me-
nezes, terçou armas em favor
do movimento simbolista, atu-
ando com assiduidade e bri-
lhantismo na revista "Rosa
Cruz", famosa nos annais da
vida literária do país.

Mais tarde, a convite do an-
tigo editor Leite Ribeiro orga-
nizou, em colaboração com
Agripino Grileo e Théo Filho,



Fernando Magalhães



Pereira da Silva

o mensário intitulado "O Mun-
do Literário".

Publicou, em 1905, o primeiro
volume de versos denominado
"Val Boli". Publicou depois as
"Beatludes" (em 1918) e as
"Solitudes".

Em 1921 surge o "Holocausto";
em 1923 o "Pá das Sandá-
lias", em 1928, a "Scribora da
Melancolia", e em 1940 "Alta
Noite".

Pereira da Silva era membro

da Academia Brasileira de Le-
tras, na qual foi eleito em 26
de junho de 1934, sucedendo
Luis Carlos da Fonseca.

"Sou a escopeta", standon a
personalidade dos poetas Luis
Carlos, Ademar Tavares, Silva
Alvarenga, Machado de Assis e
Gonçalves Dias.

Ocupava a cadeira n.º 18, que
tem como patrono João Fran-
cisco Lisboa, e que foi fundada
por José Veríssimo.

PÁGINA DOS AUTORES

Nota sobre
Haydée Nicolussi

Haydée Nicolussi, nasceu na cidade de Alfredo Chaves, no Estado do Espírito Santo. É filha de d. Francisca Bourguignon e de João Nicolussi. Iniciou seus estudos no Colégio do Carmo, onde concluiu o curso de professora aos 16 anos. Estudou literatura escrevendo para uma revista local do seu Estado, a "Vida Caprichosa", tendo sido, em 1929, premiada num concurso de contos instituído pela revista "O Cruzeiro".

Faz atualmente o curso de arqueologia no Museu Histórico Nacional.

É funcionária pública, com exercício no Museu Nacional de Belas Artes.

"Folia da Sombra", que contém poesias de 1930 a 1939 e de 39 a 43 — é uma estrofa retardada. A autora já publicou as seguintes traduções: "A Nova Terra" de Vladimir Gladkov — 1934 — Atena Editora, organizada. E "Guerra e a Revolução Francesa", de Bukarin, 1935 — Editora Moderna, também organizada.

ELEGIAS DO TEMPO DOURADO

A's minhas colegas do Carmo

Adolescência... Inquietação: mãos ao ar, estouvado-
mento,
alma no céu, pés no chão, boca e ouvidos ao vento.
E o olhar?
O olhar sempre longe,
na frente dos pensamentos.

"Companheiras de colégio, por onde andais a estas
horas?"

Zilka, Laura, Lauretinha, Leonor e várias Marias,
Hermínia — tão solitária! — Ilma, Amigo — tão
sombria!

Yvonne, a rival mais séria da filha do presidente...
Elisa, que me salvaste na Guerra dos Trinta Anos,
em troca de frases bonitas dando-me datas gloriosas!
Cecília, Inês Santos Neves, Carmen, Odette Vi-
vacqua,

quem é que ainda se lembra do "Mistério da Dupla"
(Cruz,
lido compenetradamente no carramanchão do re-
tiro?)

E vós, minhas tão amadas?
— Irina Maria, que agora ensina cartografia aos
[anjos,
quem faz mapas melhores nas escolas do outro
[mundo?]

Irmã Rosannah, que nos davais a recitar Lamartine,
quem agora hoje a Verônica ou a Madalena arrepen-
[dida,

nas festas do nosso Teatrinho?
E no Pavilhão de Pintura, disse-me Irina Teresa de
[Novais,
quem é que andará pintando certo pinheiro grisalho
e um pato azul sobre a água, que me causou tantas
[lagrimas?]

Adolescência... (saudades!) — mãos ao ar, estouvado-
mento,
alma no céu, pés no chão, boca e ouvidos ao vento.
E o olhar?
O olhar sempre longe,
na frente dos pensamentos...

II

A's colegas do "British American School"

Na penumbra a sala de música. Tocando, Hilda
(Enaura ou Edelvira
Sobre a mesa o "Homework Book" e Oxford ou
(Cambridge Literature".
"Eu, analisar Shakespeare agora? Eu, resumir Wal-
ter Scott?"
De manso evado-me na sombra. Na penumbra a sala
de música.
Há um piano, há um violino, há uma música na
[escura.

"Piano, toca só para mim músicas adolescentes e
(ingênuas!
"A Primavera" de Mendelssohn, "L'eau Courante",
(de Massenet,
ou melhor, "La Filleuse" de Raff e as "Aquarelas" de
(Biding.
De tanto traduzir Stevenson, Whitlér, Christina
(Georgina,
ando vertendo poesia até à medula da alma.

Quero bouques franjados de ouro, moltas olheiras de
(morning-
e bandos de borboletas, cruzando águas desalçadas
entre vales e colinas.

Quero rendas de Briseletas e lírios com asas de prata
para a viagem de nupcias que esta noite farei dur-
(mundo.

Piano, toca só para mim músicas Adolescentes e In-
(gênuas.

"Good morning", Fanny! Miss Grago? "Good morn-
ing!" por que não respondera
aquela "Miss" que guardava retratos da Grande
(Guerra,
em uniforme de gala da Cruz Vermelha Britânica,
com dedicatórias como: "Yes, feeling like an Angel!"
— "Where are you now? In England?"
— ... Perhaps... "Feeling like an Angel..."

Meu colégio Internacional! Danças de Naruna
(Korler,
ginástica de Monsieur Léon, "High-School" de Miss
(Saraiva,
pintores de modelos vivos e alunos de línguas mortas.

Que forma de passaros loucos formávamos nas via-
(das bonas
— Sofia, Beatriz, Lina Alves, Luri de Araújo Lima,
Lia, Gumver, Solheid, Rica Bezada, Thuria, Ade-
(Hilde-
e também várias Marias, Estênis, Dorotéia "and"
(Margareta,
e aquela brasileira batava, que tinha um nome
(de rainha —
Alma Emília Teodora Bradwell!

Pecados? Só um cometemos: (e que auso a repri-
(menda)
— jogar flores ao luar, para os Tunas de Coimbra,
aquela tunas de bonas e longas capas românticas,
que foram fazer serenatas junto aos muros do Ca-
(légio

Mantãs de domingo, passal de manso em minha me-
(morria!
(Na penumbra a sala de música... Na música vi-
(lões passando...

"Piano, toca só para mim lírios. Rachmaninoff, De-
(Bussy.

Quero ver exercitos húngaros vitoriosos marchando,
solitinhos quebrando-se nesses desertos humanos
e a infinitíssima rezando em catedrais sobre as
(fendas,
com seus pecados remidos em óvns de flores
(famidas

Mantãs de domingo, passal de manso em minha
(memoria...
Esse piano... esse violino... essa música na som-
(bra...

Telegrama sem destinatário

Min Teto.
Min amor.
Crianças.
E livros.

Amigos? Alguns.
Viagens? Talvez...
Mas pouco trabalho.
E muito prazer!

E as fim de cem anos
de amor. Tão virido
e ions repartidos
na paz do Senhor,
um adeus derradeiro,
um olhar bem sentido,
um último abraço,
e um
e um...

1943. Haydée Nicolussi

NOVOS - VII - HAYDEE NICOLUSSI

Poesma para Mark Rampion

Que a tarde cor de morango e nuvem de madra-
me encontre com o dia ganho e a consciência
toda paz a amenidade, vestida de linhos claros:
— quero receber o Amado ao retorno do labor
com a água do banho pronta e a mesa posta florida
e cartelas nas mãos de seda, cheirando a malva
E quando a noite vier de manso, misterioso, calado,
calçando a sandália da lua, cheia de colares de
ficarei bem quieta em meu canto, ouvindo a música
ou a voz do Amado relendo os livros mais belos da
Abre que no alto silêncio da madrugada tridentada,
a sua voz se quebra de sono e a sua fronte desce,
e eu me apague de manso em seus braços como uma
lâmpada velada...

Quero cantar-te, brando sossego puro dos interiores
Sossego dos instrumentos de trabalho recolhidos ao
sossego dos pés que caminharam e das mãos que re-
posaram dos campos adormecidos,
das roças mansas balindo,
e dos desejos pacificados,
Quero cantar-te, bendito sossego imenso da cabeça
tenta de ver o pensamento girando como um cata-
mas que pode enfim adormecer sobre os joelhos
CANÇÕES DE TORNA-VIAGEM.

Ultimo desejo

Quando eu morrer, meus amigos, nada de requifes
carvos,
carvalhos ou ébanos lavrados, tumbas de mármore
ou de vidro.
A matéria Deus a criou unicamente para
servir de conforto aos vivos.
Quando eu morrer, companheiros, de veludos e gr-
lões dourados
que nem se ouça falar:
é para vestir os corpos de suas amadas vivas
que os homens terem sofrendo fitas, setins, bordados.
Quando eu morrer (a tal fato suceder em minha
enquanto meu corpo repousa, calmo, em seu leito de
que entre as vivas circulem flores, pão, vinho de por-
os entados desta vida cabem aos que ficam lutando
e não aos que descansaram deste mundo tão falaz.
Bem sei que terás amado demais o sol e a quantidade
do fogo — em vão —
te a tua dor de chuva e frio, vós, viventes que
bem podeis imaginar que bem deitar ao pé da
quinta, mansa, estrada, no último e suavíssimo
Mas, já que o calor não retorna ao seio das carnes
quer chuva quer faça sol, levem-me para qualquer
ou para as ondas do mar alto e joguem-me nou no
apenas em um sudário de preces defendida ante o
enquanto volta o corpo ao pó ou torna à água do
minha alma, bem acima de sóla, raios, nuvem e
beijando o rastro dos anjos e dos santos sempre
Irã em procura de Deus por estradas de diamantes,
CANÇÕES DE TORNA-VIAJEM.

Ideal

Quero que a manhã de ouro e rosas, cheirando à
me venha buscar em meu leito, forrado de linhos
para a alma suave do lar:
— quero fogo para o meu fogão limpo,
quero vasos de plantas rústicas em meu balcão de
quero despertar o Amado com frutas silvestres e
e o pão feito da flor do trigo, a flor da farinha
Que o Amado seja guerreiro, trovador ou artesão,
mas que seja trigueiro de sol e bom como madeira
— quero o bastidor de bordar, a vassoura, a plan-
e a cartilha, para ensinar ao meu filho a magin
enquanto ele forja em aço e óleo a era nova do
neste meio dia violento da civilização cristã.



Haydee Nicolussi, um traço de Arpud Szenes

Discurso ao hóspede

O vinho é grego. É alegria, é ingenuidade, é otim-
Porem, o cântaro que contém esse vinho é de barro.
Barro dos começos do mundo, das terras virgens
amassado por gente rústica, de prazeres simples e
barro que ainda guarda o sabor do mel e das folhas
e rumor de ventos marinhos e de fontes em grãos
O vinho é grego. É amor, é carinho, é esperança.
Mas o velho vaso que contém esse vinho é etrusco.
Vem de um país misterioso, cuja língua o mundo
nunca mais se repeliu a significação dos seus enigmas,
onde há corleões de glórias e sangue de antigos
clamando nessas linhas rudes.
O vinho é grego. É perdão, é aneddotia, é silêncio.
Mas o vaso que hoje guarda esse vinho é interme-
É de ouro? É de prata? É de vidro? Que importa?
Lembra aos olhos apagados, de Bisâncio ou de Roma
Por ele passou o sangue de Cristo e o pão dos tri-
Quem dele bebe — diz a lenda — fica mais manso
Que a paz seja contigo, sob o meu teto irmão!

Calmaria

Sossego de barco perdido que ancorou na praia
antes que os remos parassem iguais a dois braços
e as velas se enrolassem sobre as mesas como duas
sossego de árvore dormindo coberta de frutos ma-
antes que tombasse do céu, numa nuvem de cristais
a asa analéctica do inverno;
da ra que alcançou a mensagem azul da estrela
e da cristidada que teceu milímetros de seda, em
para poder desenvolver o papiro lendário das asas
enquanto ainda havia sol e verão na metrópole das
O grande sossego honesto das missões cumpridas,
(almas céticas, existe!)

Oh! noites polares, sem auroras boreais de espe-
Oh! desenganos apunhalando a vida pelas costas,
Pensamentos, insônias, terrores de madrugadas indor-
terei realmente terminado!)

A POESIA DE



Oliveira e Silva

Sagitário

Numa rua longa, de velhos sobrados,
Junto à capela pequena, sombria,
Nasci, num luminoso amanhecer.

Andorinhas trissavam nos telhados...
E o céu, tão harmonioso e claro, parecia
Em azul musical se desfazer...

Um destino, talvez extraordinário,
Em mim armou estranho sagitário,
Por obediência ao signo do meu mês.

Deu-me, para trair-me ou ludir-me,
Setas, um arco, pulso firme,
Fria mirada, ao gesto rápido.

Para acertar em que? Na glória, na fortuna,
No poder, na hora mágica, oportuna,
Do amor? aquele que nos faz sonhar?

Desde que me sorriu a primeira esperança,
E morreu (morreria, em mim, a criança?)
Atiro flechas no ar.

Visel, fremente, o amor que logo trouxa
Amarugem, depois, frescura doce
De fonte clara e nova a borbulhar.

Mas, vi as setas, audaciosas, atrevidas,
Cairem, longe, inúteis e perdidas
No infinito, no mar.

— O Sagitário! ó Sagitário! —
Até quando esse sonho temerário,
Até quando pretendes aliar?

Não ouves o marulho espumarento
Da borrasca, e não vês a mão do vento
As ondas côr de chumbo despentear?

— O Sagitário! apressa-te a falar!

Ah! quando esse teu coração livre e forte
Em desafio permanente a sorte,
Embragado de vida, fraquejar?

Ou até quando a treva se adensa,
Como negra cortina, ao teu olhar?

— O Sagitário! ó Sagitário! —
Quebra o teu erro poderoso,
As setas, uma a uma!

E' tempo de repousar!

Francisco de Oliveira e Silva, nasceu no Recife, em 3 de novembro de 1897. Filho do coronel Francisco Antonio de Oliveira e Silva e d. Carolina Breves de Oliveira e Silva, desce do lado materno dos Breves — numerosa família de fazendeiros fluminenses.

Fez os estudos primários no Colégio dos Irmãos Maristas, em Maceió, continuando-os no Recife e em Santos, para ultimá-los no Recife, no Instituto Aires Gama. O curso secundário, no Instituto Pernambucano, dirigido pelo dr. Candido Duarte. Matriculou-se, em 1914, na Faculdade de Direito do Recife.

Aos quinze anos, inicia colaboração semanal no "Jornal do Recife", com um artigo sobre Stoessel, general russo. Colaborou também, no "Diário de Pernambuco", "A Província", "Jornal de Alagoas", e A União, da Paraíba do Norte.

Estreou com um volume de versos: "Cardos". Aos dezotto anos, publicou uma "plaquette" de versos: "Emoção".

Terminado o curso jurídico, fixou residência, em 1919, no Rio, e secretariou a revista "A Política", fundada pelo escritor Coelho Netto, e lançou "Vida Parlamentar".

Colaborou no "Jornal do Comércio", inclusive na edição vespertina, a convite de Felix Pacheco, e em várias revistas.

Em 1921, transferiu-se para o Estado da Santa Catarina, onde exerceu cargos públicos. Fixou-se em Blumenau, onde se consagrou à advocacia militante, pelo espaço de dez anos.

Em 1931, alcançou, na Academia Brasileira de Letras, o primeiro prêmio de poesia histórica, relativa ao século do Descobrimento, com a sua "A Primeira Missa no Brasil", prêmio instituído por indicação de Medeiros e Albuquerque.

Em 1938, regressou, definitivamente, ao Rio, onde iniciou grande atividade jurídica. Lançou vários livros de direito comercial e penal, entre outros, "Das Sociedades por Ações", "Sociedades por Quotas", "Da Culpa e a Injúria", "A Perturbação dos Sentidos e da Inteligência" e "Inovações do novo Código Penal".

Dirige, atualmente, a Consultoria Jurídica do Brasil e é Procurador da Caixa de Serviços Públicos do Estado do Rio.

Rua da Aurora

As luzes do bairro com as águas brincando,
Ao anoitecer, fugindo por elas,
Si a lua crescia pelo céu vasto,
Trêmula, brincava com o fundo do rio.

Ponte da Boa Vista! Ao longe, em seu mistério,
Parecia-me, a luz da tarde, um cemitério,
E, a noite, coberia de jóias, navio
Que não mala desfilasse a aventura viajara,
Feliz com a sua festa felizera.

— Rua da Aurora — grande brinquedo.
O vento brincava com o meu cabelo.
O luar e as luzes do bairro quieto
Brincavam com as águas do rio dilato.
E o coração, ainda pequenino,
Brincava de sonhar, esperar o destino.

Acalanto

O coração do menino
Dorme para não lembrar.

Viu, ao balouço da onda, o céu enorme,
Bem maior do que o mar.

Ranço o navio, velho e lento,
Temendo o vento,
A vaga tentacular.

O coração do menino
Tem frio, ei-lo a trilhar.

Ninguém o aquece. Que de a sol a pino?
Somente nevas lunar...

No coração do menino
Abriu o destino
Uma ferida sempre a sangrar.

— O sufocantes correrias loucas.
Do desejo! ó galopes, mãos e bocas
Num tremer, num anular!

Credulidade alegre de garoto!
— O desespero do sonho roto,
Que vemos outrem despedaçar!

O coração do menino
Tem pudor de contar.

O coração do menino
Dorme para não lembrar...

Oliveira e Silva acaba de publicar "Sagitário", uma coletânea dos seus últimos versos.

Aproveitamos o ensejo para dar aqui com uma seleção dos trabalhos desse livro, as notas bio-bibliográficas, o retrato e o autógrafo do poeta.



BIBLIOGRAFIA DE OLIVEIRA E SILVA

"Cardos", poemas, 191.
"Emoção", idem 1916.
"Horizonte", idem, 1922.
"O Poema da Humildade", 1924.
"O Voo Interrompido", poemas, 1930.
"Gota d'água" (aforismos e imagens), 1932.
"A Máquina da Felicidade", contos, 1939.
"Meditações" (ensaios), 1942.
"Sagitário", poemas 1943.

FONTES DE OLIVEIRA E SILVA

Gastão Figueira ("De la Nueva Lirica Brasileira", Antíloquia, Colombia, n. 43, janeiro, 1941).
Hermes Fontes ("O Imparcial", janeiro, 1923, e "Fon-Fon", agosto, 1930).
Osório Duque Estrada ("Correio da Manhã", 1913, e "O Imparcial", 1917).
Manoel Arão ("Visão Estética", Recife, 1917).
Muelo Leão ("Correio da Manhã", dezembro de 1922).
Osório Borba ("D. Casimiro", Recife, 1923).
Luiz Delgado ("O Estado", Recife, 1923).
Martins d'Alvarez ("D. Casimiro", Rio, 1941).
Beni Carvalho ("A Noite", agosto de 1941).
Florian Lemos ("Correio da Manhã", janeiro de 1943).
Povina Cavalcanti ("Ausência da Poesia", 1943).

Brinquedos

As estrelas, as árvores, o vento;
As nuvens, a fumaça dos navios,
No horizonte da tarde, azul-cinzento,
São meus brinquedos, meu contentamento.

Mapa da lua cheia! fico atento
As suas manchas: cordilheiras, rios,
Vales, fundos grossos? experimento
Alcançá-las com o dedo e o pensamento.

Sobre o mar, de mareias preguiçosas,
Lutam, batem-se, esplêndidas e francas,
As nuvens, em falanges aguerçadas.

Linho para os heróis espumas brancas...
E, bálsamo de todas as feridas,
O orvalho fresco e matinal das rosas.

Magia

Eu vi o teu corpo dourado na praia morena
Estendido, braços abertos, o côco arfando,
Junto à fimbria do mar luminoso.
Vi uma onda crescer, até, devagarinho,
Tocar-te os cabelos, fazer-se pequena,
E, na glória da tarde, espumando,
Fugir-te, num meneio caricioso...

A magia se renovou: clara, fremente,
Outra onda te cobriu, em torvelinho,
Como se te quisesse arrastar para o péloço,
Em movimentos quase brutais.
Deixou-te, sem demora, indiferente.
Reabriram teus olhos, ainda mais belos,
E esse corpo dourado brilhou mais.

Então desejei que o mar embravecesse,
Num minuto, e em delírio, num arranco
Espumosamente, loucamente branco,
O teu corpo, de súbito, envolvesse
Num turbilhão de lírios imortais.

Que te revelaria a vaga inquieta e murmura?
Conversas de ondinas, estrofes da música
Das serenas, perfumes da flora do mar?
O segredo, talvez, aos teus ouvidos,
Dos gemidos
Dos tritões verdes à hora de amar?

Depois, vi outra vaga, mansa, muda,
Assaltar-te, contente, afofando sarçaços
Para o teu leito régio, que aveluda.
Num grito infantil, defendes-te com os braços
Temerosa da súplie, importuna,
Que só te velu acariciar.

Advinho-te à boca um novo sumo,
Menos gosto de sangue que de mar,
Rescendes toda, com certeza, à onda,
No mal estranho dos apogeuas,
Deves, hoje, exalar um grama,
Que embriagará até um deus.



OLIVEIRA E SILVA

Os sinos de Ouro Preto

As lentas, surdas badaladas
Dos sinos de Ouro Preto à hora de Angélica,
Alongando, resaca na quebrada,
Dendrobacias,
Gondoladas,
Plangendo pela intensidade.

Ouvidos que, uma vez, vos conheceram,
— O sinos de Ouro Preto, no resplandor —
Nunca mais vos esquecerão.

As primeiras luzes piscam,
Na cidade, através da cerração,
Contam os sinos a legenda
Da terra do ouro, da mineração,
Onde poetas senham a estrofa
Hora feliz da redenção.

— O sinos imortais! — certo dia, surpresa,
Fiquei ressoando aos vossos dobres,
Numa infinita vibração.

As solurnas, solenas badaladas,
Repercutindo pelas quebradas,
Num eterno do... do... do...
Lembram uma procissão.

Os sons caminham como se fossem
Tochas acesas, na neblina,
Passos profundos pelas calçadas,
Imagens hírtas, esbatidas,
Contritas fronte curvadas
Que, levemente, balançando vão...

Sobem, descem a montanha
Sombrias, figuras lútuas,
Na mesma cadencição,
Rozas sussurram, medrosas,
Com rosários de estrelas nebulosas,
A noite acompanha
O grande Pálio, com lentidão.

Os sinos de Ouro Preto, agora, silenciaram:
Sumiu, na treva, a procissão...

Raça

Tenho no coração a minha raça,
A que, no berço, acordou comigo,
Em meu sangue segrêda, elcúla,
Subindo ao pensamento em vibrações vitais,
Fazendo-me entrever os irmãos mais distantes,
Num desamparo que os estrangula,
A tremer, nos sertões, às doenças tropicais.

— Jangadeiros de Tamboá, cabelo ao vento,
Na malícia marinha, das mols puras?
O' combocres que seguis, em trote lento,
Enapocados, tatuados
De sol! Rendidas que, com os dedos rápidos,
A porta das choupanas, tecia jóias em linhas!
O' lavradores que riscas, com o verde das culturas,
A paisagem! Carreiros dormitando,
Nos picadões, a ouvir os seus carros rangentes!
Todos sós minha raça, a nossa raça!
— O' mestre-escola, quase faminto
E fatigado, que envelheces, ensinando
Sem prêmios e sem afetos!
O' rostos freacos de caboclas que não recebem
O reflexo das luzes das grandes cidades,
Enrugados, cedo, a velar pelos netos!
Mateiros audazes que subis os rios,
E acendeis o fogo que espanta os bichos bravios,
Pensando no outro: o do lar, onde suspira aquela
Que, todas as tardes, de flor nos cabelos, espia o
(caminho!)
O' irmãos de sonho que arranhais a viola, na noite
Ique estrela,
E cantais as trovas que, analfabetos, nunca jereis!

Pulsa no coração a minha raça
Que vos recebe, funco o sacriúco
E que se apertelôa, se encouraga
De vossa intrepidez virgem e leda,
E de ternura e generosidade,
Traídas nos verros que estou a escrever,
Raça que canta o próprio sofrimento,
E tem heroísmos, com simplicidade
Quase sem o saber.

Pernambuco

No mapa do Brasil, no alto, em pleno Nordeste,
Há uma faixa que se prolonga até o Atlântico,
Onde pelejam pela liberdade,
Em quatrocentos anos combativos,
Os homens mais intrépidos e ativos
De nossa raça!

— O' claros, verdes canaviais ondesantes,
Velhos engenhos, casas grandes repousantes
Em cujas salas longas se conspira
Contra os flamengos louros e arrogantes!
— Arralal Bom Jesus, reduto de coragem,
Onde crianças comem raízes,
E, heroicas bebem as próprias lágrimas,
Para enganar a sede, as mulheres indômitas,
E onde os homens, com mal fechadas cicatrizes,
Respirando, sofrendo amando a Pátria
Mordem as mãos, de raiva contra a fome!

— O' Guararapes, monte das Tabocas,
Batalhas em que cem dos nossos ventem mil!
Escuto os sinos o vibrante brado
Que, do sangue pernambucano derramado,
Já nasceu a unidade do Brasil!

Século desenove em que se multiplicam
As forças para o anseio formidando
De República e heróis se santificam,
Enquanto o sonho vai, luminoso marchando...

Beijo-vos — mãos piedosas, redentoras —
Que entregais jóias para que os escravos
Possam fugir, sob o capim, distimulados,
Pelas barbaças libertadoras!

No mapa do Brasil, no alto, em pleno Nordeste:
— O' coqueiral de Olinda a repetir ao vento
As trovas de Ademar Tavares! O crepúsculo
De papoulas em despalamento!
Chafarizes! ó graça airosa dos outeiros!
O' Igreja do Carmo em ruínas! jangadeiros
Caminhando no mar com uma serenidade
De Cristo sobre as ondas!

Sinto alguém a ferida machucando,
E te distingo como minha filha
Que, sem te conhecer, te avista em sonhos,
— O' Pernambuco! — e todo o casario,
Torres, pontes e céu de azul profundo
Erguem-se para mim, acenando, acenando
Para ficar — última imagem — nos meus olhos,
Da beleza do mundo!

Pag!

Combatei moirinhos de vento!
Sua ser bom e fui violento.
Fante da inen sofimento.
Heróis experimento
A injunção - eterna lei.
Vencido, com o desalento,
Cobri o rosto e chorei!

Mas, continuo a corrida,
Mesmo de carne ferida.
Sempre nova guerrilha!
O sangue ficou atrás.
Oh! a experiência perdida!
Clamo, pouco - Vida! Vida!
Sou pedra em plena descida...
Sua paz! minha paz!

Dis, 1943.

Oliveira e Silva

AS ESTRELAS ESTÃO CANTANDO --

Conto de
Nello Reis

Se separação ou decadência do poeta

LEOCADIO levantou os olhos do prato e percebeu que Juliana estava olhando para ele. Sentiu nos olhos fundos da mulher aquele mesmo rancor contra ele, aquela revolta tarda, colada, que há dois anos o cercava naquela casa. Agora não havia mais dúvida: todos ali o odiavam. A princípio ele não quisera acreditar nas próprias suspeitas. Sentia que todos — a filha mais velha, o filho, Florzinha, Rômulo, ela já moça, ele rapasol, também seus filhos — todos se uniam na mesma hostilidade que se traduzia nos gestos de desprezo, nas desatenções. Na sua presença ninguém dizia uma palavra. Mas quantas vezes percebeu, chegando repentinamente, que era dele que falavam: a conversa cessava imediatamente. Juliana, a esposa, mergulhava os olhos fundos no crochê interminável. Florzinha encolhia o corpo franzino, enroscava-se toda na cadeira, e só a tosse seca, variante, de vez em quando, dava sinal de vida naquela mistura confusa de membros. Só Rômulo mantinha enfrentado, o olhar aberto no canto da boca, um olhar safado de desafio como a gritaria que reclamasse por estar falando na sua frente. E Leocádio, como pai, um dia reclamava.

— Jáque este cigarro fôra, seu sem-vergonha. Na frente do pai, filha menor não fuma. Rômulo empinou o corpo na sua frente.

— Ora não me amote. O senhor me sustenta? O senhor me culpa, na veste?

Ele não sustentava, não a culpava, não a vestia. A moléstia destrutiva, acabara com ele. E o filho aumentou a voz:

— O senhor só sabe ser pai para querer mandar, para interferir na vida da gente.

Quis reagir. Educara o filho com autoridade. Para mantê-lo em colégio decente fizera plantões, muitos plantões de onde lhe saltava a moléstia que o derrubara, que acabara com ele, reduzindo-o a aquele trapo humano que mal se sustinha em pé.

Sentiu um nó na garganta. Uma ânsia de chorar. — Antes eu tivesse morrido a ter de ouvir estes martírios!

O filho torceu a boca, deendouso. A frase saiu como uma chicotada:

— Então por que não morre logo?

Leocádio sentiu o golpe de cheio. Num instante tudo ficou claro, dolorosamente claro: queriam que ele morresse.

Olhou para a mulher, para a filha: no olhar de ambas viu a mesma pergunta, o mesmo desejo: morre logo, infeliz! Depois o cachorro, o vento lá fora, o resaca da cega, tudo cresceu e derramou-se sobre ele no mesmo turbulento presépio: morre logo, desgraçado. Mil vozes, mil braços impondo mandando, indicando: morre logo, pestil!

A vida tornou-se. Um peso no peito. As forças falteram-lhe e caiu atordoado na esteira da sala. Dois dias de cama. Dois dias terríveis de angústias e incertezas. Depois aquele medo que começara a sentir: e se o envenenamento mergulhava os olhos nas de Juliana, preenchendo aquelas pupilas, aquelas rapagens que ele lhe vira. Olhar frio, a filha. São, filha, olhar do filho, a filha mais velha, um olhar cheio de ódio, de desprezo, de desafio. Não queria aquelas vozes condenando-o a morrer.

do os outros à miséria, gastando em médicos e remédios o que os dois filhos ganhavam, trabalhando, matando-se. Jovens ainda, para aguentar com um velho póbre e sem salvação.

Leocádio desviou os olhos da mulher. Mergulha o rosto amarelado no prato de feijão. Feijão ralo, póbre dormido. Ele vira a fome aos poucos invadir a sua casa. Mais do que isto: os filhos desgraçados, sem alegria, sem diversão, curvados como Juliana sobre as contas da farmácia, falando em fazer plantão no serviço para manter a casa.

Leocádio afasta o prato. Levanta-se. Caminha para a porta. De passagem seus olhos depa-ram com a folhinha da parede, que o vento sacode: 24 de dezembro.

Quase se surpreende com a data. Avança pela rua poeirenta. Dor nos olhos, nas pernas. Um cansaço pondo peso nos pés. Com esforço caminha. O sol mancha o vermelho da rua. Intermitências das sombras das casas. Lá diante o capim seco, tentando crescer naquela chão cretado. Leocádio caminha. Sente que precisa caminhar. Sente e quatro de dezembro! Ele tem que fazer qualquer coisa, deve fazer. — Mas o que, meu Deus?

Esfrega as mãos pelo rosto já coberto de poeira. As mãos estão ásperas, ressequidas. Vinte e quatro de dezembro! Ele precisava agir. — Vamos, homem, faz qualquer coisa. Para que? Como?

Um sujeito apressado deu-lhe um empurrão, atirando-o sobre o muro de uma casa. Foi então que seus olhos depararam com a árvore de Natal erguida no meio da sala. Pela janela plam-se as bolas irizadas, as velas, os flocos de neve caíndo, as estrelas de papelado dourado. Arrastou-se da janela. A porta ficava no lado. Daí poderia ver melhor a árvore de Natal. Parou no umbral: tão linda! Agora sabia que era uma daquelas que ele precisava ir armar lá na sua casa. Sem sentir avançar mais um pouco. Ficou bem perto olhando e desejando. Juliana haveria de postar, os filhos também. Era tão linda! De repente o grilo cresceu sobre ele:

— Ladrão!

Rumores de vozes avançando. Sentiu que o seguravam. Arrastaram-no pela rua. Fê-lo os pés nas pedras da calçada. Cambaleou. Quis explicar, falar, mas o rumor era imenso em torno. Todos falando, empurrando. Depois atiraram-no ali para o cimento frio. Nem o delegado o quisera ouvir.

— Velho ladrão. Não tem vergonha dos cabelos brancos.

Pela janela do cubículo, ele pode agora ver o céu. E notou lá as estrelas luzindo. Talvez em outro trecho a Lua esteja brilhando. Daí só pode ver as estrelas. Estrelas iguais às daquela árvore de Natal. Como Juliana haveria de gostar se ele pudesse. Ipar uma dróze igual para casa! Ninguém mais o odiaria. A filha haveria de beijá-lo, muitos beijos. Rômulo sairia até o quintal para fumar escondido. Seria tão bom! O delegado estava enganado. Ele tinha vergonha dos seus cabelos brancos, tinha. Ele queria era uma árvore de Natal. Uma como aquela, cheia de estrelas, de bolas mililíneas. Não para ele. Para Juliana, para os filhos. Ninguém mais o odiaria. Não queria aquelas vozes condenando-o a morrer.

Aquela rumor que crescia, crescia, aumentando sempre, ruiu-se alguém batasse com milhares de martelos em chapas de ferro. Morrer! Morrer!

Leocádio mergulha os olhos no céu. Aos poucos uma doce paz o invade, penetrando-o de estranha tranquilidade, como um bálsamo misterioso e invisível. A voz dos sinos quebra de repente o silêncio da noite. Vinde e quatro de dezembro! Ele faz um esforço e ajoelha-se. Os olhos voltam-se para o pedaço de céu entre as grades. Lá estão as estrelas. Leocádio contempla. Uma sensação exquísita o invade. Sem saber porque sente que agora são as estrelas que estão cantando. A música está bem perto dele. E assim as estrelas estão cantando. As vozes dos sinos emudeceram. Só há agora a canção das estrelas, de todas as estrelas do céu, do céu imenso que seus olhos não veem, mas que está coberto de estrelas que estão cantando cada vez mais alto.

Ele fecha os olhos. Os sinos lá fora tocam, varrendo do mundo o silêncio da noite. Aos poucos os sinos vão ficando distantes, muito distantes.

Leocádio dorme. As estrelas continuam a brilhar.

NELLO REIS

VICENTE LICÍNIO CARDOSO

O diretor de "Autores e Livros" recebeu uma carta que, pelos interessantes dados que oferece sobre Vicente Licínio Cardoso, pedimos licença para transcrever aqui: **Premado Mucio Leão.**

Li ontem a nota expressiva que V. escreveu sobre Laurindo Leão. Merece aplausos vibrantes. O notável pensador pernambucano é um líder de civilização brasileira. Querida relei agora carinhosamente os "Estudos de Filosofia do Direito", para me convencer de que o Brasil é um país cristão, cujo único crime imperdoável é o pensamento filosófico. O espírito de "filosofia", entre nós, é sinônimo de "ciúme".

Laurindo Leão não foi compreendido, porque não era um saltimbando da publicidade. Não pensou na glória nem no Exílio. Não quis salvar a Pátria. Não pretendeu nunca moldar os favores da crítica indígena. Escreveu seu livro numa época bem distante, que se nos afiltra quase anti-histórica, na cronologia do pensamento nacional. Naquelas datas remotas de doutrina demagógica e jornalismo reatado, não se em filosofia no Brasil, era como transplante Aristóteles para os tempos primitivos da Grécia. A crença de pensadores puros, dominavam as cotovias do parnasianismo, os rouxinóis de eloquência e da imprensa.

Dentre os grandes mortos brasileiros, condenados ao anonimato, ao lado de Laurindo Leão, figura Vicente Licínio Cardoso. Do primeiro não vou falar, porque ninguém melhor do que você o conhece. Quanto a Licínio Cardoso, não é exagero dizer-se que escreveu o melhor ensaio sobre filosofia da arte, dos publicados na América. Inter-tropical. Filósofo da história, elaborou um estudo importante a respeito da morfologia da história, antes de Spengler. Precedeu a "Filosofia da Arte", quando apenas a "Terminologia sociológica" publicou a contraria. Vinte e oito anos. Licínio só escreveu filosoficamente. "Pensamentos Brasileiros", "Vultos e Idéias", "Figuras e Conceitos", "Afirmções e Comentários", "Marras", "Pensamentos Americanos", "Vários Escritos", não livros que falam uma linguagem nova: a do humanismo brasileiro. Historiador, filósofo, sociólogo. Tudo em Li-

A Poesia é, em essência, romântica. Ser poeta é ser romântico. Não falo do romantismo escola-literária, por isso mesmo deformado em sentimentalismo pseudo-poético, e sim daquele que demora no fundo de todo ser humano: o paço de paixão, causa de todas as grandes realizações.

Mas na frontal da Arte do século XX está o decreto des-humano "Paz de corar".

O poeta de hoje vive à procura de uma técnica vocabular e mental diferente, transformando sua arte em problema técnico e tornando-se assim, não senhor mas escravo da técnica. Até na realização artística o século ferra a sua garra mecânica. O resultado, o "mal poético" de nossa época, é uma exacerbada sensibilidade, com todos os seus exageros. Sem exagerar-se, a sensibilidade não pode sobreviver e ou se agrava até a loucura ou decal numa esvordenda ataxia. Por mais "nova", em pouco se esgota a sua originalidade e tornam-se comuns, ineficientes os seus cacetes.

Tudo cálice de sentimento é afastado com horror e encontra no homem-máquina de nossos tempos um coração duro, refratário. O artista de hoje não se dirige mais ao seu semelhante, mas evolui isolado, numa aspiração difícil, que procurando subir sempre, jamais encontra a si mesma, numa espécie de espiral. E o público não compreende. Falam em loucura. Será loucura "dirigida". Nada mais que um método mental.

O resultado tristíssimo é a formação de uma "élite" de incompreendidos, a que jamais um poeta deveria pertencer. Os poetas nunca deveriam formar uma "casta". As elites podem ser a náua, mas por isso mesmo cairão à superfície, não chegam às profundezas da nação. O público não quer saber dos poetas, nem os poetas querem saber do público. Não rui de todo a "torre de marfim". Por que esse alheamento poético?

É preciso não desprezar nem afastar-se do povo, de onde saem os poetas que depois esquecem a sua origem, povo que é a única gente com selva capaz de produzir grandes homens. Homero, Vergílio, Dante, Camões, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Möllere, Balzac, Tolstói, Baudelaire eram lídis, cidadãos, representados, e andavam na boca do povo.

Será que o poeta de hoje se entrega a uma ordem de idéias que não são as mesmas da humanidade? Uma vez desnece-sário ao mundo, à humanidade, o poeta deve desaparecer. Ou será talvez que passamos

por um período de estupidéz popular, anti-intelectual, super-desportivo, débil de inteligência e de alma? Ou provém tudo de se viver rodeado o tempo e fraterno sentimento humano a um equívoco e a uma individualidade hiperlatro aristocrático? A poesia, no mundo moderno, é um problema sem solução. A poesia chegou à sua fase crítica. Já não é mais o produto da alma coletiva de um povo, mas a expressão isolada de um individualismo superior. Seria preciso que a atual civilização, que já deu o seu máximo em arte, desaparecesse e de sua cinza ressurgissem novas nações e novas linguagens, que são a única seiva vivificante do gênio político.

— O O —

ANOTAÇÕES

Em geral o poeta é um filho do povo, que tendo conhecido a miséria, adquiriu um senso social heroico mas em que transparece a dor e o ódio a tudo que para os outros, na vida, representa o que é belo e estimável.

— O O —

O Brasil é um dos países mais pobres em poetas, não em quantidade mas em qualidade. Na Inglaterra o tipo representativo é Shakespeare, no Brasil é Casimiro. Daí o conceito imbecil que se formou entre nós de que o poeta é um tipo fraco, choramingado, ridículo.

É claro que a culpa não é do povo, mas dos poetas.

— O O —

A princípio era o verso largamente utilizado, dos idiomas antigos. Depois veio o verso fortemente "desenhado" das linguagens derivadas, até nossa época em que os idiomas tendem a mesclar-se e em que o verso livremente "movimentado" quebra os ritmos e destorce o desenho. Verso desarticulado, nem parece verso e quando se convergência de não ser prosa mas tem significância de uma época, que é a única em que o poeta "não quer" fazer versos bonitos nem prosa harmoniosa, mas procura um novo meio de expressão... e não sei mais o quê.

Rimbaud, que levou a última expressão às experiências rítmicas, acabou abandonando o verso por uma prosa suave e complexa, em que predomina, não o sentido do relato, mas o valor intrínseco da frase, com tudo o que ela diz e o que não diz mas contém. Por fim abandonou enolado (ou desesperado?) a literatura. Colocou-se acima da glória. Era verdadeiramente grande homem. Julgava o mundo, não era julgado por ele.

D. Milano.

no acaba em filosofia. Quando da sua morte, Alcides Bessera disse: "O Brasil perdeu lá pouco e seu filósofo mais profundo e original". É preciso lê-lo internamente. Ele conserva aquela juventude dos gregos, a que se referia Platão no "Timeu". Não se sepultou vivo, para que o Brasil não seja o matou-leu da inteligência pura. Se a língua portuguesa já é um título, por que não haveremos de plantar as flores da nossa gratidão em derredor da lápide solitária?

"Em verdade, disse Licínio, há no fundo de qualquer desenvolvimento das artes algo de mais elevado do que as próprias artes em si: há a explicação desse desenvolvimento evolutivo, natural e lógico: há a própria filiação da arte. Há, sem dúvida, uma harmonia mais elevada do que a de belo puramente artístico: há a verificação de uma tendência geral, há a afirmação de um princípio, há a constatação de uma lei evolutiva. Há leis intelectuais, de mesmo modo que há leis físicas e biológicas. Há leis que são essencialmente harmoniosas. O que perturba o homem não é,

propriamente, a aparente desharmonia dos fenômenos, é a sua complexidade, inapreensível diante das nossas limitações intelectuais". Mas, Licínio não foi simplesmente o nome grande esteta. Estudou com espírito filosófico a história da arte. Buscou, propôs hipóteses novas. Pensou e repensou idéias de todas as épocas. Honesto, profundamente honesto, nunca roubou concepções alheias. Costumava fazer citações numerosas nas entrelinhas e não nos capítulos, que escrevia. E internamente pôstimo à geração nova. Quanto a mim, ainda afirmo se ele é ou não um filósofo. Quem o será antes no Brasil? Digam-nos os entendidos em romance-lho. Seja como for, merece o julgo imparcial de crítica, numa terra em que se é gênio aos vinte anos e bastam humanos aos quarenta e cinquenta...

Seu, muito lá pressa, Gabriel Tondella
Rio Verde, 2 de outubro, 1942.
Endereço: Rio Verde — Estada de Goyas — Via Uberlândia.